



PERIFERIA DE RIBEIRÃO AINDA SOFRE COM FALTA DE SANEAMENTO



CIDADES

Poupatempo tem prisão e já fez mais de 1.300 detenções

Família luta por maconha medicinal para tratamento de filha p.16

Justiça faz Prefeitura correr em reforma de museus p.7



ESPORTES

Palma Travassos não é só futebol: conheça a capela do estádio

Venda de motos cresce na onda dos apps de entrega de comida p. 14

Araraquara vira cidade amiga da causa LGBT p.5



CULTURA

Os casos da passagem dos Rolling Stones por Matão

Henrique Fogaça: o garoto criado em Ribeirão que virou Masterchef p. 22

Tinder também provoca casamentos p.19

JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

São 44 anos formando profissionais que atuam nas principais emissoras de televisão, rádio, revistas, jornais, assessorias, sites de internet e mídias digitais do país.

PRIMEIRO LUGAR

ENTRE OS CURSOS
DE JORNALISMO
DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO,
RANKING FOLHA DE SÃO PAULO

CONCEITO
4

NO IGC MEC
PRINCIPAL AVALIAÇÃO
DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL



4 ESTRELAS
NO GUIA DO ESTUDANTE
DA EDITORA ABRIL

11º MELHOR CURSO
ENTRE INSTITUIÇÕES PRIVADAS
DO ESTADO NO RANKING DA FOLHA DE SÃO PAULO



EXPEDIENTE

Fundado em 1987, o Jornal do Ônibus é produzido pelos estudantes da quinta e sexta etapas do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) e distribuído gratuitamente aos usuários do transporte coletivo urbano nos principais pontos de ônibus da cidade.

Reitoria da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão - Graduação Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO Prof. Geraldo José Santiago

REPÓRTERES/FOTÓGRAFOS

Ana Carolina J. Martin, Ana Júlia Zanchetta, Andrielly Ferro,

Beatriz Rossi, Caio Canduz, Eduarda Antório, Fábio Palaveri, France Júnior, Gabriel Todaro, Giulia Giuntini, Guilherme Pitta, Isabella Moraes, João Revedilho, José Bazzo, José Piutti, Júlia Maulin, JV Pitol, Laura Barretto, Letícia Botelho, Letícia Pane, Luan Porto, Luiza Foster, Maria Júlia Chiavenatto, Mariana Carvalho, Melissa Gouveia, Paula Viana, Pedro Martins, Roni Barufaldi, Stephane Teles, Thalles Gregó-

rio, Thamires Ferreira, Thomaz Cavalcanti, Vinicius Bis, Vitor Takatu

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Editor Chefe: Rafael Reis

Auxiliares de Edição: João Revedilho e Stephane Teles

Projeto Gráfico: João Flávio de Almeida

Auxiliares de Diagramação: Eduarda Antório, Pedro Martins

e Roni Barufaldi

Edição Fotográfica: Cesar Mulati

Auxiliar de Edição Fotográfica: Luan Porto

IMPRESSÃO

Herograf

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto Curso de Jornalismo Av. Costábile Romano, 2.201 CEP 14.096-380 Ribeirão Preto - SP

MAU CHEIRO E DOENÇAS SÃO ROTINA EM COMUNIDADES SEM SANEAMENTO

Cerca de 40 mil moradores de Ribeirão não contam com tratamento de esgoto

Roni Barufaldi

Pontos de empoçamento causados pela mistura entre água da chuva que jorra das bocas de lobo entupidas e esgoto que vaza nas ruas sem asfalto. Essa é a visão que o aposentado Antônio Vieira tem diariamente da porta de casa na zona oeste de Ribeirão Preto.

O quarteirão onde mora faz divisa com a favela conhecida como Rio Pardo. A comunidade é uma das cerca de 90 existentes no município que não contam com acesso ao saneamento básico. Isso significa 40 mil pessoas alijadas do serviço.

Com tristeza, ele conta como é a situação de sua rua. “É difícil sair da própria casa sem molhar os pés”. O problema, segundo seus vizinhos, é recorrente. “O vazamento de água de esgoto é constante por aqui”, relata o morador Aguinaldo Lopes.

“Em época de chuva, o problema aumenta. A rua fica totalmente alagada, não tem condições de andar, sair de casa”, completa o borracheiro que mora a duas quadras da boca de lobo que sempre entope.

No meio da comunidade, existe uma rua improvisada que liga o Alto do Ipiranga ao Planalto Verde. Nela, motoqueiros e ciclistas passam em velocidade reduzida, tentando minimizar o contato com a água suja de esgoto.

Parte da reclamação dos moradores está atrelada ao fato de que o esgoto a céu aberto atrai ratos e baratas para as ruas, onde centenas de crianças costumam brincar diariamente.

O esgoto é um perigo, ainda mais para aqueles que não têm noção disso. De acordo com os moradores, muitas crianças brincam ali descalças e



Situação precária em que vivem os moradores da comunidade Rio Pardo

com a mão na terra contaminada. E há ainda os animais que circulam pelo esgoto a céu aberto.

Segundo o médico Tiago Batistela, essas crianças, assim como todos os moradores expostos à falta de saneamento básico, estão suscetíveis a inúmeras doenças.

“Principalmente doenças infecto-parasitárias, como diarreia, intoxi-

cação alimentar, parasitoses intestinais, lombriga e amarelão. Mas também leptospirose, esquistossomose, hantavirose e infecções parasitárias, como amebíase e giardíase.”

De acordo com o médico, além disso, existe também o mal estar que a presença dos dejetos pode causar, atraindo moscas e um forte odor para dentro das casas.

A aposentada Rosa Linévis, moradora da comunidade há 30 anos, lembra de outro embaraço causado pelos empoçamentos na rua: criadouros de *Aedes Aegypti*, o mosquito transmissor de doenças como dengue e chikunguya.

“O pessoal da prefeitura pede para gente não deixar água parada dentro da nossa casa, mas as bocas de lobo e os buracos

da própria rua ficam acumulando água por dias. A gente corre risco de pegar doenças de todos os lados.”

Mas, apesar de todos os agravantes causados pela situação precária em que se encontra o esgoto da comunidade, o mau cheiro é mesmo a principal reclamação da senhora. “Na hora do almoço, tem dia que fica insuportável.”

Para Rosa, o sentimento é de descaso e abandono. “Eu moro aqui há 30 anos, e esse problema sempre existiu, nada nunca foi feito.”

O acesso universal ao saneamento básico faz parte das 17 metas globais da Resolução 70/1 da Assembleia Geral das Nações Unidas. Conhecidas como Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), elas apresentam uma série de metas que os países devem cumprir pensando no futuro da planeta.

Os ODS são o tema norteador da 19ª edição da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto.

OUTRO LADO

Procurado pela reportagem do JORNAL DO ÔNIBUS, o Daerp (Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto) informou que as áreas não urbanizadas de ocupação irregular não podem ter ligação oficial de água e esgoto, por não haver registro oficial do imóvel.

Ainda de acordo com a nota oficial, a prefeitura trabalha pela regularização fundiária desses locais. Assim que forem regularizados, esses pontos também receberão ligação de água e esgoto de forma regular.

HIV SE ALASTRA ENTRE OS MAIS JOVENS

Publicitário de Ribeirão mantém canal no Youtube para ajudar na conscientização

Guilherme Pitta

De 1980 até 2018, foram registrados no Brasil 925 mil casos de AIDS. O número pode até assustar. Mas, segundo a Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, os índices de contaminação estão em queda.

Não em Ribeirão Preto. Levantamento feito em 2017 pela Secretaria Municipal de Saúde mostrou um crescimento de 570% na quantidade de portadores de HIV em oito anos. A maior elevação nessa taxa aconteceu entre os jovens de 20 e 24 anos.

Lucas Raniel Rosati, 27 anos, descobriu que era soropositivo em 2013. O publicitário tomou um susto quando se deparou com sua nova situação.



Apesar de tomar cinco cápsulas de remédio por dia, jovem às vezes esquece que tem HIV

“Foi bem complicado pelo fato de não ter conhecimento nenhum sobre o assunto. Achei que fosse morrer porque as referências que tinha eram,

por exemplo, Cazuza, essas pessoas da mídia”, afirma.

Apesar de tomar cinco cápsulas diárias de medicamento por dia, Rosari

eventualmente até se esquece que tem o HIV. “Os estudos farmacêuticos se desenvolveram bem ao longo dos anos e isso ajuda bastante”, diz.

Desde que recebeu seu diagnóstico, ele tem ajudado na conscientização dos jovens. No canal “Falo Memo”, disponível no Youtube, ele discute o tema, tira dúvidas e conta histórias sobre sua descoberta e convívio com o vírus.

Segundo o infectologista Gilson Freitas da Silva, professor do curso de medicina da Unaerp, o aumento na contaminação entre jovens pode ter relação direta com o fato de eles não terem vivido a grande epidemia que assustou o mundo nas décadas de 1980 e 1990.

PREVENÇÃO

HIV é a usual sigla para Vírus da Imunodefici-

ência Humana. Quando adquirido, ele destrói o sistema imunológico do seu portador e o deixa tão baixo a ponto de permitir que a Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) se manifeste.

A Aids faz com que o corpo não tenha mais proteção e fique sujeito a várias doenças infecciosas. Ter o vírus HIV não significa ter AIDS.

Dentre as formas de contágio, a maior ainda é as relações sexuais sem camisinha, seguida por transfusões de sangue, compartilhamento de seringas e a transmissão da mãe para o filho.

Qualquer portador do HIV consegue a medicação de maneira gratuita na rede pública. Quem tiver risco de contaminação deve procurar um médico e passar por exames.

QUANTO VALE UMA VIDA?

Arthur luta diariamente contra atrofia muscular espinhal

Fábio Palaveri

Entre 2016 e 2019, Tatiane Herrera arrecadou cerca de R\$ 1,5 milhão para o tratamento do filho, Arthur, de quatro anos. Ele é portador de atrofia muscular espinhal (AME). Hoje, o tratamento está “garantido” pelo Estado, mas a família deve R\$ 340 mil aos cofres públicos.

O valor se refere ao ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e às taxas de importação que Tatiane deixou de pagar por conta

de uma liminar que garantia a isenção fiscal. No entanto, a decisão judicial foi alterada em segunda instância.

“Nós não vamos fazer campanha para pagar esse imposto. Eu acho que não é justo”, diz a mãe. A família está recorrendo ao STJ (Superior Tribunal de Justiça).

O argumento dos advogados do Estado para reverter a sentença é a verba orçamentária. “Tendo em vista que o medicamento possui um custo elevado, isso ocasiona um desfalque na verba recebida pelo SUS através do governo. Esse desfalque pode prejudicar outros pacientes que recebem medicamentos

de forma gratuita”, explica o advogado Maurício Domingues.

Apesar do valor maior estar sendo coberto pelo governo, os portadores da AME precisam de um acompanhamento que vai muito além das doses de Spinraza, o medicamento usado no tratamento. A

família gasta cerca de R\$ 11 mil por mês com sessões de fisioterapia, plano de saúde, viagens diárias para Ribeirão Preto, entre outros tratamentos que exigem tempo para dar resultados.

Os colaboradores fazem pequenos eventos, rifas e sorteios para arrecadar

dinheiro em prol da recuperação da criança, que já apresentou melhoras, como o movimento da mastigação e dos membros inferiores.

ESPERANÇA VIA SUS

Em 24 de abril de 2019, o ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta anunciou que o remédio Spinraza se tornaria gratuito para portadores da AME tipo 1, que não precisam de aparelho respiratório.

A medida, que não inclui o caso do Arthur, causou indignação por parte dos demais pacientes e familiares que convivem próximo da doença. Quase todos os comentários publicados nas redes sociais em relação à medida anunciada dizem que é uma injustiça com os demais portadores, que não têm direito à medicação.

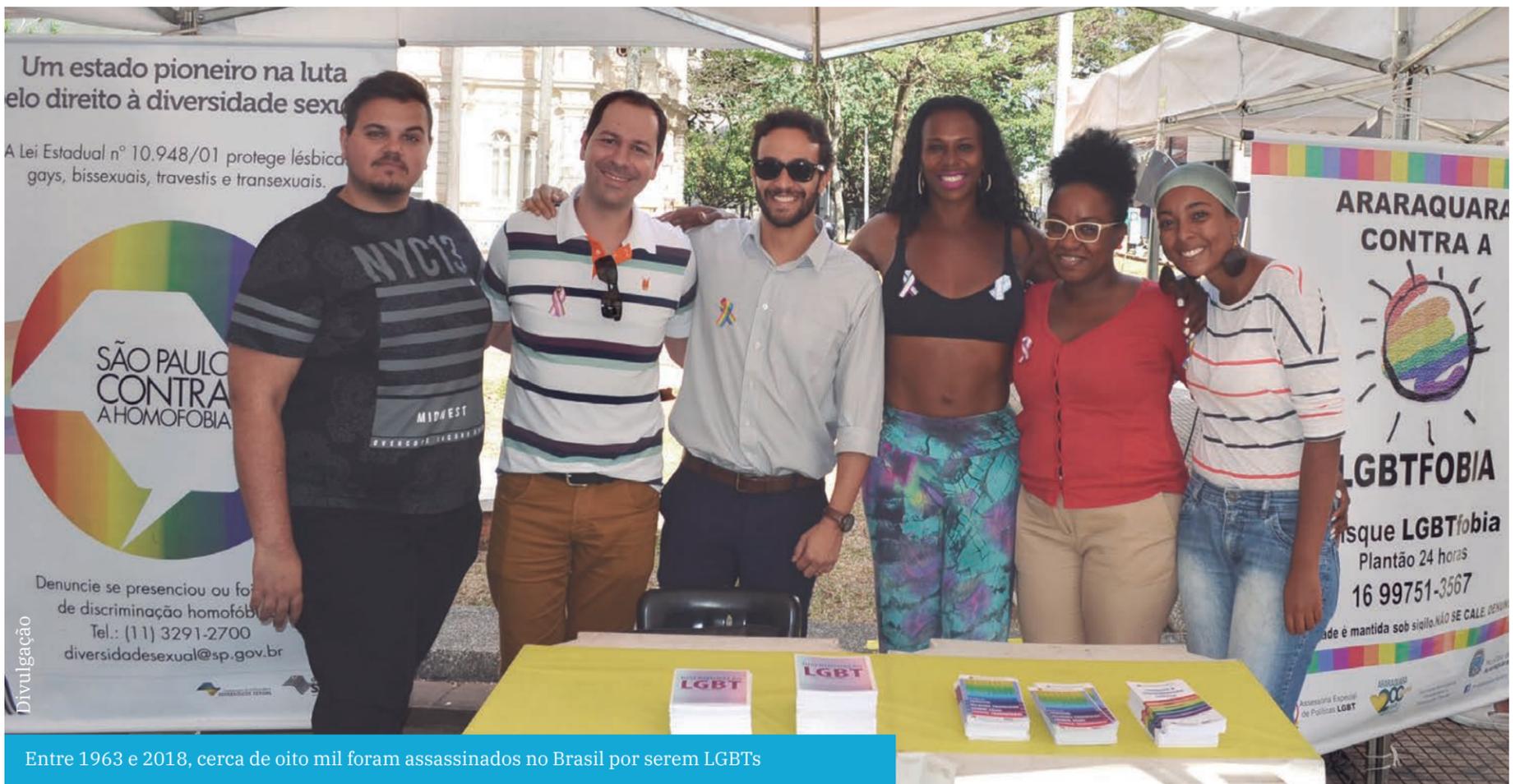
A campanha AME Arthur mobilizou o Brasil para arrecadar fundos para a causa, principalmente por meio da venda de 100 mil copos personalizados com a frase “O Arthur é meu amigo”.

Devido à doença, família deve R\$ 340 mil aos cofres públicos



Acervo pessoal

CIDADES



Entre 1963 e 2018, cerca de oito mil foram assassinados no Brasil por serem LGBTs

ARARAQUARA FOCA EM DIVERSIDADE

Cartilha, Assessoria Especial de Políticas LGBT e Conselho de Diversidade Sexual são as estratégias implementadas em cidade

France Júnior

A pesar de ter a maior parada LGBT do mundo, o Brasil está longe de ser um dos países mais seguros para o público homoafetivo.

De acordo com dados tabulados por Júlio Piniheiro Cárdua, ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos, 8.027 pessoas LGBTs foram assassinadas no país entre 1963 e 2018 em razão de orientação sexual ou identidade de gênero.

No entanto, há exemplos a serem seguidos. Em Araraquara, a 94km de Ribeirão Preto, diversas políticas públicas foram implementadas para combater os casos de

transfobia na cidade.

“Essas pessoas começam a denunciar os casos, pois sabemos que a população de travestis e transexuais são as mais atingidas com a violência e discriminação, devido ao fato de a expressão de gênero desses corpos chegar antes nos espaços, o que acarreta a discriminação,” diz Filipa Brunelli, assessora de Políticas LGBT da cidade.

Atualmente, o grande desafio é transformar as iniciativas políticas públicas, gestadas ao longo dos últimos anos em efetivas políticas de Estado que não estejam à mercê da boa vontade de governantes e das incertezas decorrentes da inexistência de marco legal de combate à homofobia e de promoção da cidadania LGBT.

A assessora acredita que “em qualquer lugar, é essencial uma política pública que dê atenção a esse recorte populacio-

nal, pois atrás das políticas públicas o Estado assume a responsabilidade em construir uma sociedade justa e equalitária.”

Em 2016, a ONU (Organização das Nações Unidas) publicou o relatório “Vivendo livres e igualmente”, apontando medidas que 200 países estão tomando para implementar recomendações da instituição.

Segundo o relatório, “mesmo em países que em tese registraram maior progresso no que diz respeito aos direitos de homens gays e lésbicas, houve, até o momento, bem menos atenção em proteger pessoas trans e cuidado incipiente com os direitos de pessoas intersexuais”, problema que Araraquara tenta sanar com políticas públicas municipais.

Para Brunelli existem vários problemas na cidade e a própria LGBTfobia é um deles. A assessora comenta sobre o andamento desses casos: “além de darmos o assessoramento para os casos

individualmente, trabalhamos com a formação permanente da sociedade de forma geral para desta forma combatermos a discriminação de forma estrutural e efetiva.”

Conheça as iniciativas da cidade para o combate efetivo dos casos de LGBTfobia:

ASSESSORIA LGBT

Em 2017, para promover a política municipal de direitos humanos, com enfoque na promoção da população LGBT, Araraquara aancionou a Lei Municipal 8.867 e criou a Assessoria Especial de Políticas LGBT, que oferece atendimento psicológico gratuito, assessoria jurídica para retificação de nome e casos de violência e esclarecimento de dúvidas, além de diversos cursos.

O centro de referência é o primeiro prédio público do município a levar o nome de uma travesti, uma homenagem à moradora de rua que foi encontrada morta em 2016 “Nivaldo Aparecido Felipe de Miciano (Xuxa)”.

A cidade ainda conta com o Dia Municipal de Combate à LGBTfobia, celebrado em 17 de maio.

CONSELHO

O Conselho Municipal de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (COMLGBT) é um órgão colegiado, integrante da estrutura básica da Secretaria de Planejamento e Participação Popular,

criado por meio da Legislação nº8947 de 2017.

É um órgão composto por 30 membros, 15 representantes da sociedade civil e 15 do Governo Municipal, tendo por finalidade formular e propor diretrizes de ação governamental, em âmbito municipal, voltadas para o combate à discriminação e para a promoção e defesa dos direitos LGBT.

A grande preocupação do COMLGBT tem sido fomentar e acompanhar as políticas públicas, além da busca incansável de sensibilizar os órgãos de Estado nas ações de defesa e garantia dos direitos da população LGBT.

CARTILHA LGBT

Em 17 de maio de 2018, a cidade lançou a Cartilha Municipal LGBT “Construindo a Cidadania LGBTQIA+ em 200 anos de Araraquara” para comemorar o aniversário da cidade. A cartilha foi elaborada pela Assessoria Especial de Políticas LGBT, por meio da Secretaria Municipal de Planejamento, com participação popular e apoio da Secretaria Municipal de Comunicação.

Com embasamento científico de sexualidade e gênero, a cartilha tem o objetivo de disseminar conhecimento para combater o preconceito, além de informações como a legislação de proteção aos LGBTs, estatísticas de Araraquara, datas comemorativas e telefones úteis.

“**Existem vários problemas na cidade, e a própria Lgbtfobia é um deles**”



Com lucro da feira, pai criou duas filhas e formou uma médica

Letícia Botelho

Aibeirão Preto carrega uma bagagem cultural muito rica. Uma de suas atrações é a Feira de Arte e Artesanato, mais conhecida como “Feira Hippie”. Localizada em frente à Catedral, na Praça das Bandeiras, ela, além ser um dos pontos de vendas de artesanato mais antigos da cidade, é palco para muitas histórias de vida.

Sabe quando tudo parece estar perdido? Foi isso que Lázaro José dos Reis, pioneiro da feira que vende no local há 40 anos, passou. Ele sempre gostou de produzir pulseiras e colares, mas tinha vergonha e sentia preconceito por conta dessa prática.

Porém, após um acidente que quase o levou à cegueira, tudo mudou.

“Fiquei dois meses internado sem ver nada. Até que um dia o médico tirou uma lente do meu olho e eu voltei a enxergar. Foi como um milagre. Logo depois, olhei as pulseiras, como se fosse um sinal que era isso que eu tinha que fazer. Fui a outras cidades vender, o negócio começou a dar certo e nunca mais parei. Assim que essa feira estreou em 1978, vim pra cá. Com o dinheiro, sustentei duas filhas, e hoje uma é médica”, relata Lázinho, como é conhecido.

Atualmente, ele fabrica e vende chinelos e sandálias de couro.

Foi a partir da feira que Ana Paula de Araújo também se reergueu. A jovem passou por problemas que a levaram à depressão. Porém, trabalhando na barraca com sua

mãe, conseguiu ocupar a mente e voltar a viver plenamente.

“Estava desempregada, em crise, até que foquei em aprender a bordar ponto cruz, vagonite, e isso me ajudou bastante. Hoje, vendemos tapetes de crochê, toalha de renda. Ficar na feira me faz bem”, conta.

Já para não entrar em depressão após a morte dos pais, Gilsa da Costa, que está na praça há pouco mais de um mês, colocou a mão na massa e abriu sua barraca com variedades em panos de pratos e dedoches (fantoques de dedos para a criançada).

“Desde pequena faço artesanato. No mês passado, me vi sozinha. Precisava de algo que me distraísse, pedi a licença na Prefeitura e abri meu lugar aqui. A feira ainda vai longe”, comenta.

Além de ajudar os cidadãos a bordar suas his-

tórias e alinhar suas vidas, a feira transforma profissões, como é o caso de Claudia Cutarelli, cozinheira profissional que achava a cozinha um trabalho muito cansativo. Ela largou as panelas e pegou as linhas.

Então, arriscou-se a fazer artesanato em 2015 e não parou mais. “Montei a feirinha com o pouco que eu sabia fazer para casa e acabou virando minha nova profissão”, afirma a ex-cozinheira. Hoje, ela produz uma variedade de filtro dos sonhos (acessório que ajuda a dormir), além de gnomos e pedrarias.

Se o assunto é pedraria, não dá para deixar de falar da barraca da Lika da Flor da Mata, bastante popular nas suas redes sociais. A comerciante está na feira há mais de 25 anos e vende produtos indígenas, pulseiras e colares com pedras de

diferentes significados: pedra da lua, do sol, do amor, entre outras.

Alguns produtos são trazidos da Amazônia. Outros são feitos pela própria artesã. Segundo ela, a feira é um ponto de comércio importante para a cidade e a diversidade de clientes que recebe é grande. “O pessoal do misticismo e, principalmente, os índios costumam comprar comigo porque eles consagraram os objetos que falam das coisas deles.”

Portanto, para quem quiser sentir essa energia, é só passar na praça para fazer dreads, tererê no cabelo, comer uma boa pamonha e se divertir com a variedade de produtos artesanais à exposição. A feira acontece às sextas, sábados e domingos, a partir da 9h. Para mais informações, é só ligar (16) 3977-9000.

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA, UMA TRADIÇÃO UNAERP

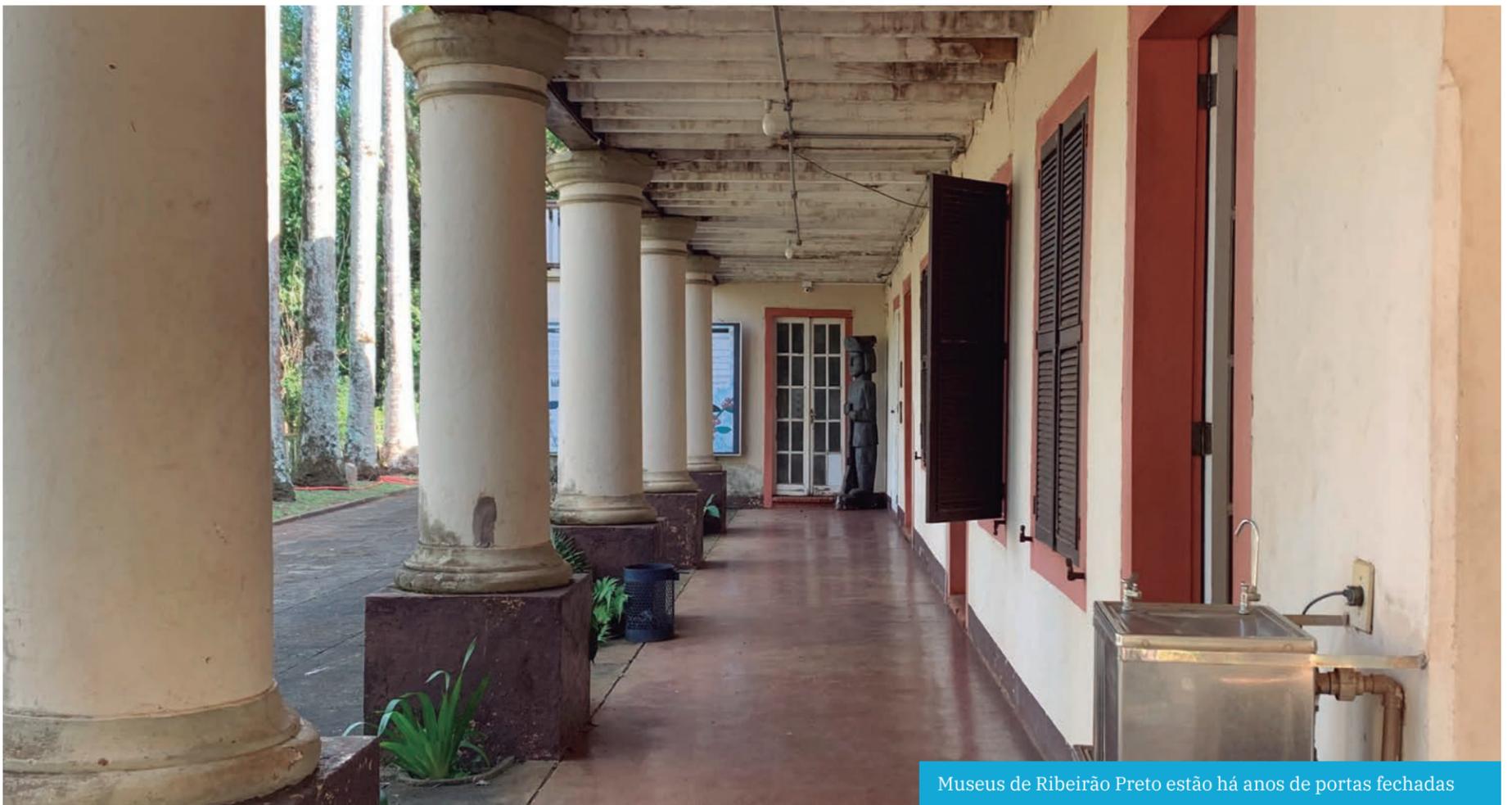
PADRÃO MUNDIAL DE ENSINO COM A ESTRUTURA DE UMA UNIVERSIDADE.



LABORATÓRIO DE ÁUDIO E RÁDIO UNAERP
Baixe o aplicativo Rádio UNAERP



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP
Canal 10 da NET



Museus de Ribeirão Preto estão há anos de portas fechadas

FIM DA NOVELA?

Prefeitura diz que reparos nos museus Histórico e do Café já começaram

Andrielly Ferro

O impasse sobre a reforma dos museus Histórico e do Café, localizados no campus da USP de Ribeirão Preto, parece estar com os dias contados. Isso porque, segundo a Prefeitura, alguns restauros nos acervos históricos já começaram a ser feitos. A ação, desta vez, está dentro do último prazo dado pela Justiça para que a administração municipal iniciasse obras nos dois museus até julho de 2019 sob pena de multa de R\$ 1 mil por dia de atraso.

A novela sobre o restauro dos museus se arrasta há quase três anos, desde que ambos foram interditados, em março de 2016, depois que o forro de um dos cômodos desabou devido a problemas estruturais.

Na época, a Câmara Municipal formou uma Comissão Especial de

Estudos (CEE) que, além de constatar a deterioração do acervo causada pela umidade excessiva, embasou uma ação civil movida pelo Ministério Público contra a Prefeitura.

Durante o desenrolar da ação, em outubro de 2017, a Justiça determinou que a cidade iniciasse em até 90 dias a restauração das casas sob a pena de multa diária de R\$ 1 mil. A administração recorreu da sentença, que acabou sendo mantida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo em março.

Em setembro de 2018, quase um ano depois da primeira decisão, o promotor Alexandre Pereira vistoriou o local e afirmou que não foram feitas melhorias nos prédios. Pereira pediu, portanto, a execução imediata da multa diária. “O Ministério Público cobra cinco itens para preservação dos imóveis histó-

ricos: a conservação elétrica e hidráulica, a fim de cessar infiltrações e o risco de incêndio; o controle ambiental e climatização para preservar o acervo da umidade; o controle de vetores e pragas; o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros e, por fim, o reforço da segurança 24 horas por dia,” afirmou Wanderley Baptista, promotor responsável pelo caso.

Na nova e mais atual decisão, assinada em dezembro de 2018, o magistrado determinou a restauração integral dos museus e suas reaberturas em até dois anos. “Caso o prefeito não cumpra a decisão judicial, ele pode responder por infração política-administrativa, o que pode ocasionar a cassação do mandato via Câmara Municipal, e também responde por uma ação de improbidade administrativa, sujeitando, inclusive, a perda dos seus direitos políticos”, completou Baptista.

Segundo José Júnior, diretor dos museus, durante o ano passado, a administração atuou em três frentes: o convênio com uma universidade responsável pela elaboração do projeto de engenharia e arquitetura que visa a reforma das edificações, uma parceria público-privada para reforma do telhado do Museu do Café (no valor de R\$ 154 mil) e a obtenção de verba junto ao

Ministério do Turismo para restaurar a Casa do Colono.

“A verba destinada à Casa do Colono (R\$ 250 mil) já foi aprovada. O dinheiro para obras no telhado do Museu do Café, ainda não. Os reparos feitos até agora foram emergenciais. A solução definitiva vem aos poucos mediante autorização do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat).”

Em nota, a Secretaria Municipal da Cultura já informou que “o acervo está protegido” e que a Seção de Museus busca parceiros da iniciativa privada para realizar, também, a descupinização dos museus. Por fim, justificou que, mesmo com o início das obras, “não dispõe de recursos próprios” para todos os reparos necessários e que, para dar andamento a qualquer uma das determinações judiciais, necessita que o projeto básico de reforma seja analisado e proposto pelo Condephaat e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Conppac).

Há dois meses, 87 obras do acervo do Museu Histórico têm passado por um processo de reparo e higienização. A ação, batizada de “Ateliê Aberto”, acontece graças a um projeto de um grupo de São Paulo contemplado pelo ProAC da Secreta-

“

Não estamos falando de museus que estão há três dias parados. São três anos sem funcionar, o impacto pode ser irreversível

ria da Cultura do Estado. Para a historiadora Cristiane Bezerra parte importante da cultura da cidade depende dessa corrida contra o tempo

“É preciso unir forças. Não se trata só em pensar no dinheiro. Parte da nossa história está lá [nos museus]. Isso afeta a educação como um todo. Não estamos falando de dias sem funcionar. São três anos fechados. O impacto disso pode ser irreversível. Contar história através de lápis, lousa e papel nunca será a mesma coisa se podemos contar ao vivo e a cores”, afirma a professora.

 CIDADES

ESCOLA ENSINA IDOSOS A USAR CELULAR

Curso já atraiu mais de 180 alunos em um ano

Júlia Maulim

Até pouco tempo atrás, a jornalista e apresentadora Neusa Bighetti se sentia desatualizada. Ao contrário de suas amigas, ela não dominava as tecnologias contemporâneas de comunicação. Por isso, sentia-se um tanto quanto isolada.

A solução foi entrar em um curso que ensina pessoas idosas a usarem as ferramentas mais populares presentes nos celulares. Sim, esse curso existe e está disponível em Ribeirão Preto.

“Há anos, comecei a ensinar meu pai sobre os computadores. Foi transformador. Isso me despertou a vontade de

levar esse projeto adiante também com os celulares. Nossa proposta é traduzir a tecnologia e com isso simplificar o uso. Os smartphones chegaram para facilitar nossa vida e não para nos trazer problemas”, afirma Marília Castelo Branco, uma das idealizadoras da Escola do Celular.

De acordo com uma pesquisa da Telehelp, empresa de serviços exclusivos de teleassistência para idosos, 66% dos brasileiros acima dos 60 anos têm acesso à internet e fazem uso frequente de smartphones. Dentre os que não fazem uso do dispositivo, a principal justificativa é “não saber mexer”.

“São três apostilas. Usamos aproximadamente uma apostila a cada dois meses, como um curso de idiomas, pois lidamos com um público maduro

e é necessário fixação e repetição. E além das apostilas, temos as atividades de fixação que o aluno faz em casa, praticando o uso do celular”, destaca o publicitário Rodrigo Colucci, sócio do projeto.

Agora devidamente treinada, Neusa consegue expor seu trabalho de uma maneira muito mais simples e atingindo um grande número de pessoas. “Entrei nas redes sociais em 2018, pois eu via várias das minhas amigas comentando. Atualmente, possuo cinco mil amigos para os quais eu posto sobre o meu trabalho.”

Ela também relata que as pessoas foram receptivas à sua inclusão nas redes sociais e que o comportamento do seu público é muito bom. “Todos que me acompanham comentam e interagem



66% dos idosos brasileiros utilizam frequentemente celulares

bastante. Eu tiro foto com a câmera do meu celular e compartilho fotos antigas do meu trabalho de jornalista que as pessoas não se lembravam mais. Agora, elas podem recordar esses momentos.”

Inaugurada há apenas um ano, a Escola do Celular já teve mais de 180 alunos. O também jornalista e colunista social Amir Calil é outro deles.

O jornalista está satisfeito com os resultados do curso. Ele até pensava que sabia tudo sobre tecnologia, mas com as aulas pôde perceber que é leigo no assunto. “Estou fazendo o curso ‘Conhecendo seu celular’ e adorando. Eu também não sei mexer muito no celular, não sei usar todas as ferramentas. Agora sou aluno. A aula é muito gostosa e prazerosa, você dá muita risada.”

TECNOLOGIA AMEAÇA VISÃO DAS CRIANÇAS

OMS estima que, em 2050, mais da metade da população tenha miopia

Paula Viana

Augusto dos Santos Valle está entre as 40 milhões de crianças brasileiras que sentem nos olhos o efeito da tecnologia. O garoto de 10 anos desenvolveu miopia e astigmatismo e, há quatro anos, usa óculos para a correção das disfunções. Sua mãe, a professora Josiane Lima dos Santos Valle, diz que a tecnologia faz parte da rotina do filho e que troca as brincadeiras de rua por jogos eletrônicos.

O hábito, que é comum entre as crianças, começou a ser estudado na medicina.

Após diversas pesquisas, a comunidade científica comprovou que o uso das tecnologias pelas crianças pode contribuir para o aumento da miopia.

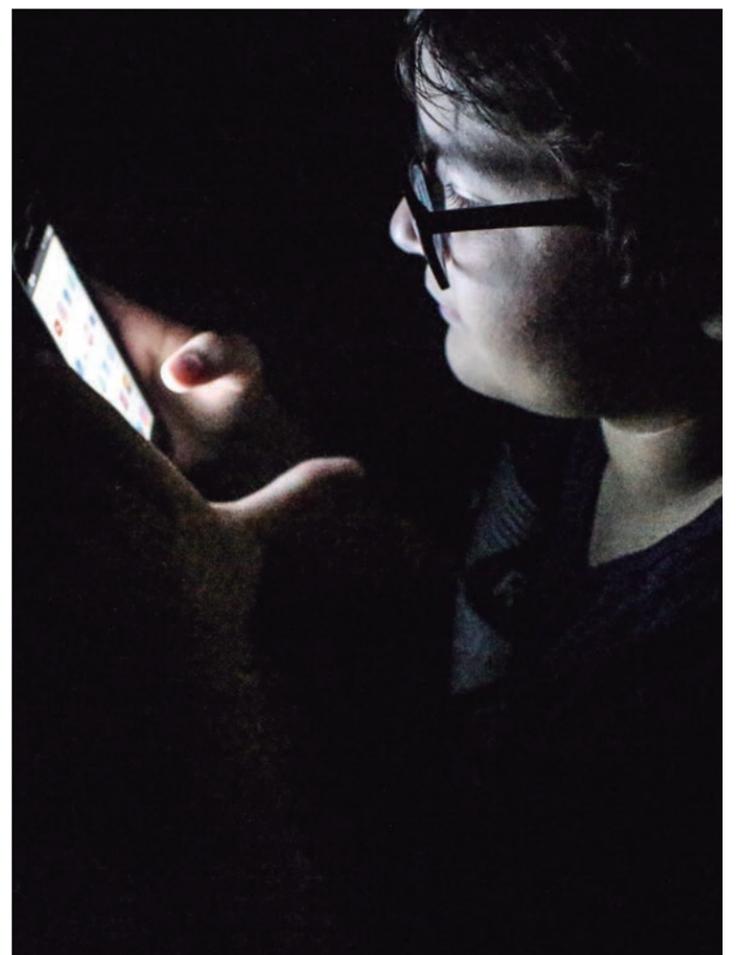
Caracterizada pela dificuldade de enxergar objetos distantes, a doença atinge 22% da população total e, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), esse número pode dar um salto e atingir mais da metade da população em 2050.

Os dados mostram que a doença vem crescendo. Mas como o uso das tecnologias pode interferir no desenvolvimento da miopia? O oftalmologista Rodrigo Rossini explica: “Quando colocamos o celular muito perto dos olhos, a imagem do objeto é refletida antes da retina,

fazendo com que os músculos oculares se contraíam para corrigir essa formação. Esse esforço dos músculos faz com que a imagem se forme depois da retina, provocando a miopia transitória, que é aquela que dura por alguns instantes, mas pode se tornar permanente se for causada com muita frequência.”

Além do uso das tecnologias, as crianças passam cada vez menos tempo em ambientes externos, tendo pouco contato com o sol e produzindo menos dopamina, um hormônio que ajuda a controlar o crescimento e a formação do olho, explica o médico.

Josiane acredita que os hábitos do filho influenciam também no sono e no desenvolvimento es-



Miopia atinge 22% da população mundial, diz OMS

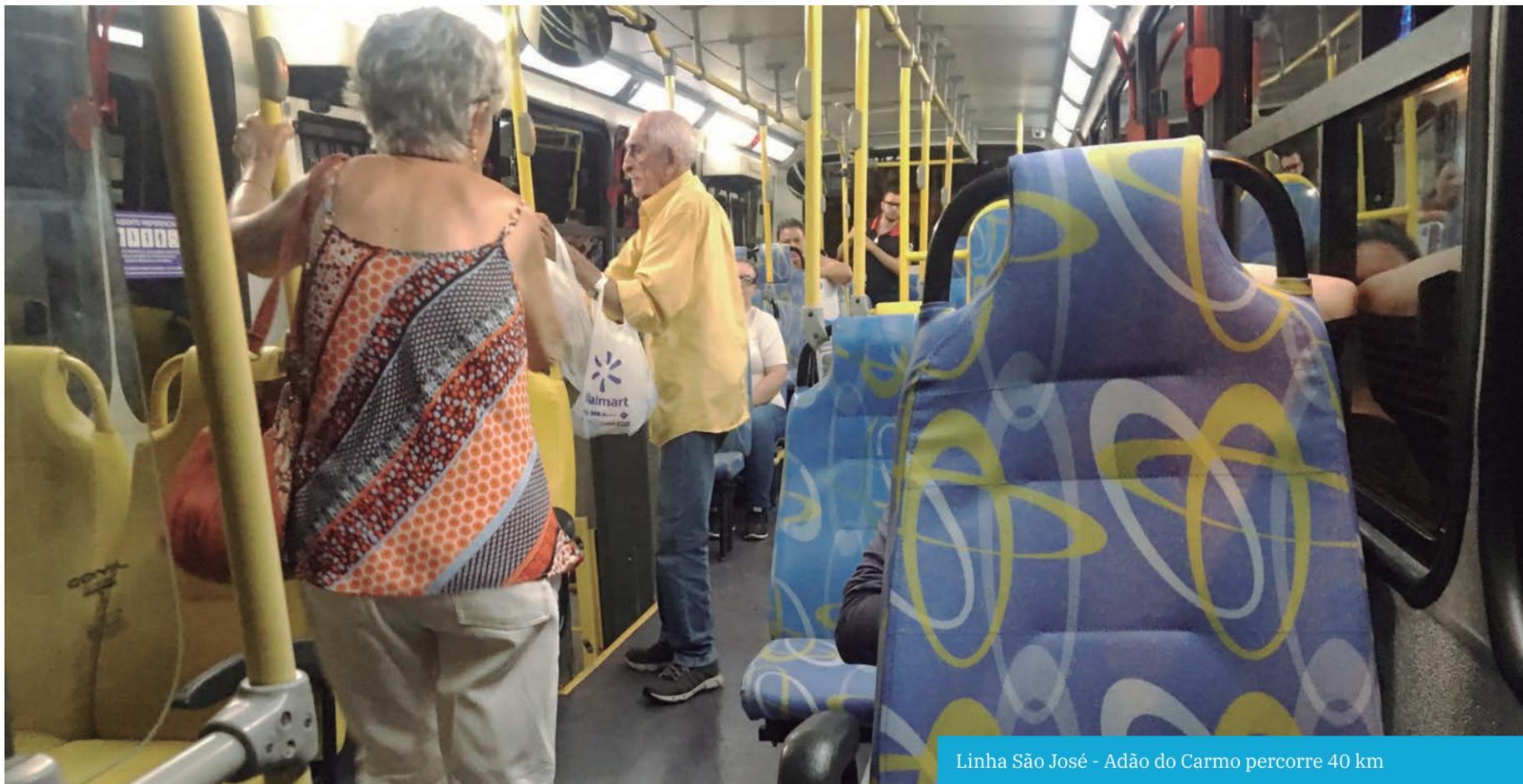
colar. “Muitas vezes, ele vai dormir tarde, após ficar horas nos aparelhos, e se esquece até das tarefas da escola”, afirma.

Para evitar a dependência, Rossini recomenda

que a criança faça uma pausa a cada meia hora de uso de eletrônicos e que consulte um oftalmologista a cada seis meses para evitar complicações futuras.

AS HISTÓRIAS QUE OS ÔNIBUS LEVAM

Ao longo de 2h20, a maior linha de ônibus de Ribeirão Preto conhece histórias blabla



Linha São José - Adão do Carmo percorre 40 km

Luiza Foster

Imagina ter que pegar um ônibus que demora mais de duas horas para terminar o trajeto? A maior linha de ônibus de Ribeirão Preto tem 40 quilômetros, que demoram cerca de 2h20 para serem percorridos. Trata-se da H/M 236, São José - Adão do Carmo, que parte do Terminal Evangelina de Carvalho Passig e carrega algumas histórias.

A aposentada Basilina, de 78 anos, já foi cobradora de ônibus. Ela lembra da época em que viajava todo dia para trabalhar em outras cidades. Muito simpática, assim que o banco ao seu lado fica disponível, ela chama outra pessoa para sentar. Durante o percurso, conta o tanto que gosta de morar no seu bairro e das festas que acontecem na quadra ao lado. O papo está bom, mas ela chegou ao seu ponto e precisa descer. O ônibus começa a ficar vazio. Pelo caminho, é possível ver famílias conversando na calçada e crianças brincando de bola na rua, como acontece em cidades pequenas do interior.

Elena, de 16 anos, ainda

está longe de seu ponto. Ela pega esta linha quando sai da escola, a Etec, onde cursa o ensino médio integrado ao técnico de edificações. A menina ainda não sabe qual curso vai fazer na faculdade, mas tem algum tempo para pensar, já que está no primeiro ano.

Logo, logo, escuta-se mais um *Piiiiiii...* próxima parada.

Passam duas escolas e entra o vigia Antônio Carlos, de 42 anos, que pega esta linha quatro dias por semana para ir até o trabalho. Durante a viagem, ele diz que, “pelo preço da passagem, os ônibus poderiam ter ar-condicionado”, referindo-se ao calor da cidade.

Durante o trajeto de volta da linha, pela Avenida Caramuru, entra Guida, de 57 anos, que fica no ônibus apenas por um trechinho para não precisar andar alguns quarteirões, já que desce no Terminal Rodoviário, onde o ônibus passa antes de subir para o Centro da cidade. E lá vai ela...

Agora, o ônibus passa por trás do Mercado Municipal e sobe a rua Américo Brasiliense. A essa hora, o sol já está se pondo e cada vez que se olha pela janela é possível ver uma paisagem linda, muito embora os passageiros não percebam, pois só

estão preocupados em chegar em casa.

O ônibus ainda passa pela Avenida Francisco Junqueira, uma das mais movimentadas da cidade. Quando chega na Avenida 13 de Maio, Maria Sofia, de 5 anos, já tirou um cochilo no colo da mãe. A mulher a chama e as duas se vão, junto com a maioria dos passageiros. É a segunda vez que o ônibus esvazia.

Agora em direção ao Novo Shopping, é possível ver o entrelaçado de sobe e desce das estradas e viadutos. Mais uma vez, o ônibus começa a lotar. Entra Beatriz, de 19 anos, que já quis ser enfermeira, mas agora sonha em ser comissária de bordo. Ela se divide na rotina de trabalhar, estudar e concluir o curso de aviação. Quem sabe ainda a veremos em um voo? Essa história, no entanto, fica para um próximo capítulo.

Depois de mais de duas horas cheias de entradas e saídas, pontos e paradas, o ônibus volta ao local de partida. No final do vai e vem de vidas vividas nos dias corridos e trajetos longos, é onde cabe a cada um percorrer seu próprio caminho. Afinal, os ônibus nunca saberão de todas as histórias que carregam.

OS DESAFIOS DE SER MOTORISTA DE ÔNIBUS

Todo dia, motoristas e passageiros discutem dentro dos ônibus da cidade, e bons relacionamentos podem nascer disso. Fernando, que é motorista há sete anos, sai de casa preocupado em proporcionar a melhor viagem a todos, mesmo tendo que lidar com buracos no asfalto, falta de respeito de outros motoristas e mau humor de alguns passageiros.

“Tinha uma passageira que eu desejava bom dia sempre e ela nem olhava para minha cara. Estava sempre com a cara amarrada. Insistindo todos os dias, ela começou dando um sorrisinho e, aos poucos, passou a me responder e já até me elogiou”, diz.

A psicóloga Bianca Macedo diz que um simples “bom dia” não pode mudar o dia de uma pessoa, mas consegue colocá-la dentro dos padrões culturais da sociedade, o que é importante, já que ser socialmente habilidoso significa ter mais oportunidades na vida.

Para construir uma boa relação, o motorista diz que o tom de voz, a postura e a escolha de palavras fazem diferença. “Quando entra uma pessoa mais velha ou gestante, eu espero sentar e dou uma atenção a mais na hora de sair. Tem muitos passageiros que reconhecem o nosso trabalho, mas também tem muitos que acham que somos apenas empregados deles”, conta.

Além de fazer novos amigos, Fernando ganha presentes dos passageiros. Certa vez, uma idosa entrou no ônibus com um ovo de páscoa em mãos, que entregou para o motorista. Os passageiros não entenderam. Seria a mãe dele? A avó? Não. Ela era apenas uma passageira. “Quando eu ganho alguma coisa, [mesmo que] seja uma mexerica, as pessoas olham desconfiadas e ficam impressionados. Não estão acostumados com bondade”, diz. (Stéphane Teles)



Idosos se encontram para dar gargalhadas e celebrar amizade

O ENCONTRO DA TURMA DOS “ENTA”

Idosos se reúnem há mais de 40 anos de segunda a sábado na praça XV

Stéphane Teles

Há pouco mais de 40 anos, entre chegadas e despedidas, um grupo de idosos se reúne todos os dias, menos aos domingos, na praça XV de novembro, em Ribeirão Preto. O encontro é simplesmente para dar gargalhadas e celebrar a amizade. Cheios de histórias, os mais velhos da turma têm 104, 95 e 87 anos de.

Segundo eles, o grupo começou há muitos anos, quando a maioria dos integrantes levavam seus filhos para brincar na praça. De lá, criaram uma amizade e fortaleceram os laços com o passar dos anos. Sem um fundador específico, a união não foi proposital. A primeira leva já se foi, mas a tradição se manteve.

Composto por mais de dez integrantes, a turma

se encontra das 7h às 10h da manhã. Segundo Israel da Silva, de 95 anos, para fazer parte desse grupo é preciso preencher alguns requisitos, como ter bom papo, ser alegre e divertido. Porém, não é tão fácil quanto parece, existem algumas regras básicas de convivência.

“Aqui tem um processo. Não se desmente ninguém, concordamos com tudo, menos palavras desairosas [deselegantes]. Quando o cidadão não procede com nossos princípios, expulsamos ele do pedaço”, conta Israel.

Israel da Silva é nascido e criado em Ribeirão Preto. Trata-se de um senhor alto, alegre e que gosta de usar um bom e velho chapéu, acompanhado de seus óculos escuros. Já se aventurou por outros estados do Brasil, mas nunca perdeu a paixão pela

cidade natal. Durante a juventude, era boêmio nato, mas, atualmente, é apenas o cantor da turma. Se antes ele era levado pelos pais para a pracinha do centro da cidade, manteve a tradição com os filhos e, agora, pretende continuar frequentando o espaço, mesmo que sozinho.

Outra figura marcante do grupo é o seu Gabriel Romão, um senhor franzino, com seu chapéu, andador e sorriso marcante. Quem o vê de longe não imagina o quanto conversa e conta histórias. Nascido em Uberaba (MG), se mudou para Ribeirão ainda jovem, onde morou próximo a casa de Israel e se tornaram grandes amigos.

Segundo Romão, que está beirando os 105 anos, o grupo é o melhor lugar para se estar e é marcado pelas chegadas e despedidas. Ele conta que já se foram mais de 20 companheiros.

“A turma vai diminuindo. Morre um e entra dois, e entra dois e morre um”, afirma Romão.

A praça XV de Novembro costumava ser o lugar onde a maioria levava seus filhos para brincar. Com os filhos criados, o lugar não deixou de ser frequentado. Pelo contrário: virou a obrigação de cada integrante da turma.

O primeiro a chegar é o seu Israel. Ele diz que acorda bem cedinho, prepara seu lanche da

manhã, pega seu carro, dirige até o ponto de encontro e espera os amigos chegarem.

“Nós nos encontramos todos os dias, menos aos domingos, que é dia do descanso da companhia. De domingo cada um tem um lazer diferente”, comenta Israel sobre a rotina.

Ainda que seja algo rotineiro, eles gostam de se encontrar espontaneamente, por isso não verbalizam o compromisso. Caso um dos companheiros não apareça, a sensação é de preocupação. Mas, se tiverem faltado por motivo bobo, certamente, ele levará um belo puxão de orelha.

“Se alguém não aparece a gente pega o celular e liga, vai saber se aconteceu algo, né? A gente não combina, gosta de chegar e se encontrar”, diz o senhor de 104 anos.

Além das grandes histórias, o grupo conta que já vivenciou muitas mudanças ali, desde novas construções em torno da praça, até o banco propriamente dito.

“Antes de reformar a praça, tínhamos os bancos de cimento e neles continham a história da cidade, o anúncio de todas as firmas que já passaram por aqui. Se quisesse saber a história e ver o acervo histórico, era só vir aqui. A gente gostava daqueles bancos”, diz Silva.

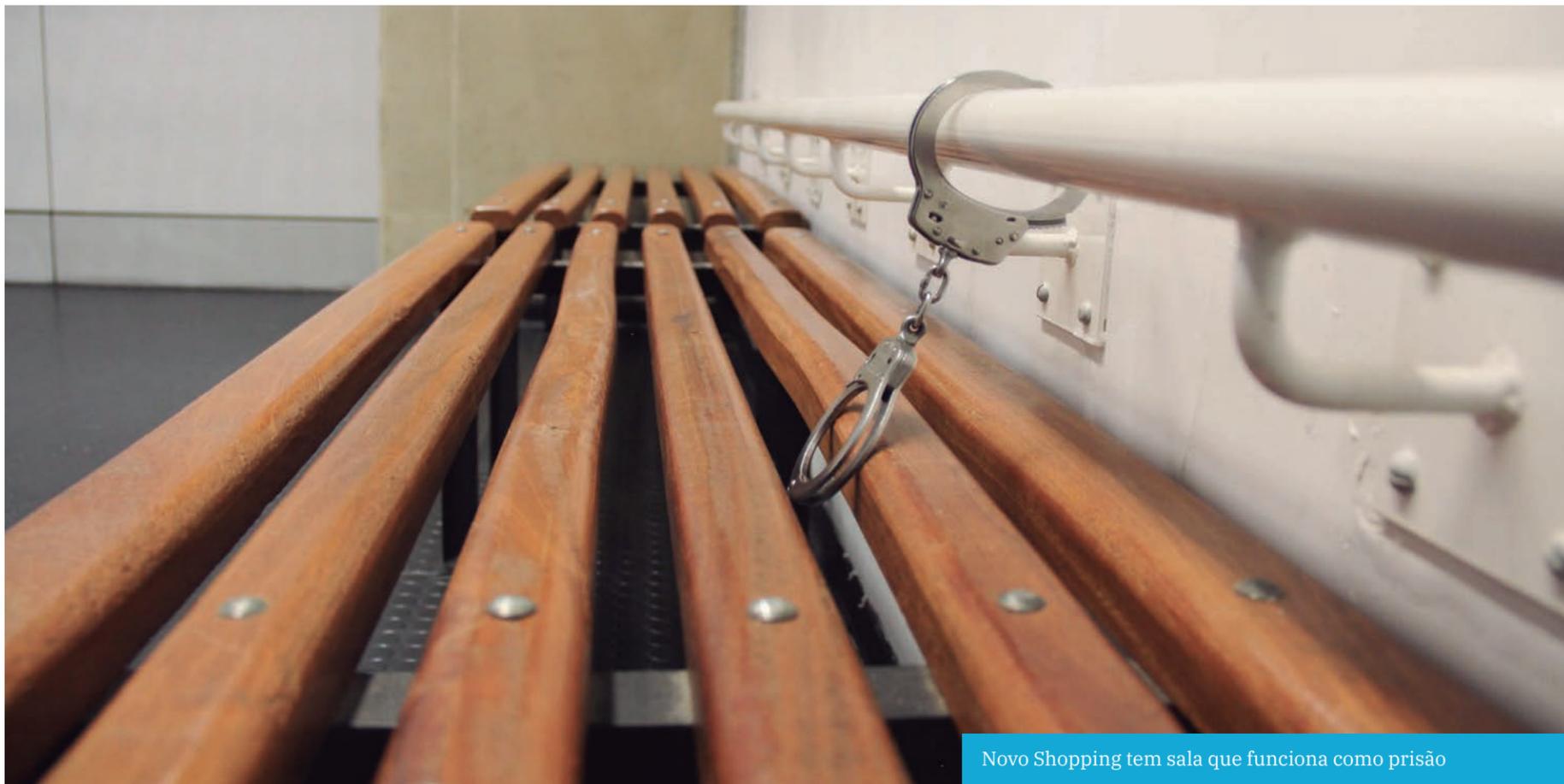
Entre os três mais velhos, está Walter Man-

cini, de 87 anos. Um senhor de óculos de grau, com seu cabelo grisalho e sorriso de canto de boca. Mancini não nasceu em Ribeirão, mas foi criado e formado na cidade. Aos três anos, saiu de Guaxupé com os pais e cresceu. Serviu como militar, mas desistiu da carreira. Embora não seja um homem de muitas palavras, é cheio de gratidão pela turma que tanto faz o bem.

“Aqui é isso. Só brincadeira, todo mundo se respeita e não fala bobagem. É uma espécie de terapia que fazemos todos os dias, encontrar os amigos, rir e brincar”, pontua Mancini.

Quando questionados sobre como os familiares viam os encontros diários, disseram que não há restrições. Pelo contrário: acham que esta é uma ótima forma de passar o tempo e aproveitar a vida.

De acordo com Mancini, Romão e Silva, poucas coisas são tão prazerosas quanto se reunir durante a manhã com os amigos para jogar conversa fora. Ainda segundo eles, lidar com as perdas dos colegas é algo inevitável, mas prometem que até o último dia de suas vidas, o encontro às 7h está marcado.



Novo Shopping tem sala que funciona como prisão

CADEIA NO POUPATEMPO É ARMADILHA PARA FORAGIDOS

Órgão aproveita alto fluxo de pessoas e busca por documentos para identificar e capturar pessoas que já estejam com mandados de prisão

Thalles Gregório

Já imaginou ir ao Poupatempo para emitir um documento e sair de lá preso? O que muita gente não sabe é que a instituição, além dos 400 serviços oferecidos, possui uma sala reservada à captura de cidadãos que têm pendências com a lei.

A instituição conta com policiais civis, ligados ao Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt (IIRGD), fiscalizando a emissão da carteira de identidade para garantir a legalidade do processo e pesquisando o histórico criminal do indivíduo. Desde a sua criação na cidade de Ribeirão Preto, em 2003, os agentes já fizeram mais de 1.300 detenções.

O Brasil possui cerca de 373.991 mandados de prisão em aberto. Somente no estado de São Paulo, há 136.648 indivíduos com pendências com a Justiça. As prisões ocorrem em dois casos: “quando o banco de dados da Polícia Civil

mostra que o cidadão é procurado ou quando a pessoa porta um documento falso, caracterizando a prisão em flagrante”, explica Priscilla Hashimoto, supervisora-técnica do IIRGD.

“Antes de darmos a voz de prisão, confirmamos a veracidade do mandado em aberto com o Fórum, pois em alguns casos pode ser apenas uma desatualização do sistema, no qual o indivíduo já cumpriu a pena”, explica.

Depois da confirmação do mandado, o policial conduz a pessoa até a sala reservada e dá voz de prisão ao infrator, que aguarda a transferência para cadeias regulares.

REENCONTRO

Senhor João (nome fictício para a preservar a identidade) foi ao Poupatempo para emitir a primeira via do RG, mas as coisas não deram muito certo.

“Constatamos que já havia um documento em seu nome. Além disso, as digitais não batiam. Logo, era um caso de falsidade ideológica, porém ainda não sabíamos quem se passava por quem”, conta Priscilla.

GATO DO FUTEBOL

Antigamente, “o Poupatempo recebia excursões com alunos de vários estados que vinham por conta da rapidez na expedição da carteira de identidade”, diz o técnico administrativo do Fale Conosco do Poupatempo Guilherme Lorenz.

“Em meados de 2008, recebemos 30 crianças de uma escola de futebol”. Na época, Guilherme era atendente de mesa no IIRGD. “Em um dos atendimentos, eu percebi que havia uma coisa errada, mas prossegui”.

No próximo atendimento, “a mesma sensação voltou e decidi comparar as certidões de nascimento”. As crianças eram registradas em locais diferentes, em estados diferentes, todavia os documentos possuíam “fontes de digitação iguais, os carimbos estavam posicionados nos mesmos lugares e assinados da mesma forma”.

A coincidência chamou a atenção do atendente, que ligou nos cartórios para confirmar a autenticidade dos documentos. “Descobri a falsidade dos documentos. Logo, eu e os outros atendentes fi-

camos atentos”. Das 30 crianças, “três possuíam registros falsos”. Essa manobra é comum no futebol, na qual os técnicos mentem a idade dos jogadores para obter vantagens em jogos com times formados por atletas mais novos. “É o famoso gato no futebol”, explica.

ELES NOS AGRADECEM

De acordo com o Poupatempo, as prisões são realizadas sob uma lógica de tratamento humanizado. “Fazemos da forma mais discreta possível, para preservar o procurado e as demais pessoas”, diz Priscilla.

As algemas são utilizadas só em último caso. Com base no artigo 234 do Código de Processo Penal, “o emprego de algemas deve ser evitado, desde que não haja perigo de fuga ou de agressão da parte do preso.”

“Optamos sempre pelo diálogo”, afirma a supervisora-técnica. A tática foi tão eficaz, que o corrimão onde as algemas são presas “não é pintado desde a montagem do órgão.”

“Sempre perguntamos se ele já comeu ou se quer um copo de água.

Não precisamos tratar o indivíduo mal e com violência por conta de seu histórico criminal, sempre partimos da premissa de que ele tem família e pessoas que o amam”, complementa.

Após o cumprimento da pena, “sempre encontramos ex-presos, que nos agradecem pelo carinho e discrição. Imagine que desconfortável o cidadão ser exposto em meio a tantas pessoas”.

Os policiais não realizam somente a captura de brasileiros, mas também de estrangeiros. “Já prendemos dois iranianos que vieram aqui portando certidões de nascimento falsas, queriam emitir carteiras de identidade para esconder a situação ilegal.”

O Poupatempo é primordial para a Secretaria de Segurança Pública, pois é um meio eficaz de captura, já que os policiais têm acesso ao banco de dados e “ao histórico criminal do indivíduo, de forma que podemos efetuar a detenção.”

SUCESSO DO E-COMMERCE ATINGE MODA

Usuários superam medo inicial e já compram peças do vestuário pela internet

Giulia Giuntini

As idas ao shopping para o consultor financeiro Kayan Almeida se tornaram mais raras. De acordo com ele, o mercado virtual tem saído na frente quando o quesito é benefício. “As lojas online possuem mais variedade, tanto em opções quanto

em tamanho e, muitas vezes, preços mais baixos. Fora que é tudo na palma da mão, sem sair de casa e com muita praticidade”, afirma. Mas o jovem ressalta que comprar roupas pela internet não era sua “praia”. “Eu tinha medo de não servir ou não gostar e de não conseguir trocar.”

O pensamento de Kayan e de outros consumidores está visível nos números. A Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto fez um levantamento junto à Federação do Comércio do Estado de São Paulo e Associação Brasileira de Comércio Eletrônico. Os dados mostraram o crescimento do e-commerce na cidade.

Os números mais recentes apontam que o comércio pela internet na região de Ribeirão Preto faturou mais de R\$ 600 milhões entre janeiro e setembro de 2018, um aumento de quase 13% em relação ao mesmo período de 2017. As lojas virtuais no Brasil devem chegar a 87 mil em 2019, com um volume de vendas de quase R\$ 80 bilhões.

Pamela Arantes é proprietária de uma loja de roupas femininas na internet há pouco mais de um ano. No início de 2019, abriu um showroom na zona sul de Ribeirão para re-

ceber as clientes. A escolha pela venda online foi a alternativa mais viável financeiramente na época, mas deu tão certo que passou a ser o carro-chefe do negócio.

“Com menos de um ano de loja atingimos todos os estados. Podemos dizer que pelo menos um pacotinho com nosso produto foi para cada canto do Brasil. Isso só nos mostra a força e potencial das plataformas digitais. Elas são nossas grandes aliadas.”

A empresária afirma que os consumidores do comércio virtual estão assegurados de suas compras. “Ainda que no Brasil o aumento de vendas online tenha um crescimento significativo a cada ano, existem muitas dúvidas e muito medo na hora de realizar a compra. O online ainda é algo muito estereotipado. Além da falta de informação, muitas pessoas, por exemplo, não sabem que a compra

online também pode efetuar troca e que você tem os mesmos direitos prescritos no código de defesa do consumidor.”

Rafael Valerini Peliciari é diretor executivo da Adsrock, uma empresa de Ribeirão que fornece suporte às lojas online. Segundo ele, as áreas que mais dominam são moda e beleza.

No entanto, o empresário acredita que outros setores vêm ganhando destaque. “Vejo uma crescente muito forte em empresas do segmento casa e decoração. Outra área que vem cada dia conquistando mais espaço é o de alimentos. Esse mercado iniciou um pouco tímido no começo, mas hoje, com a entrada nos marketplaces, criação de novos sites e profissionalização, vem crescendo bastante.”

Porém, não é só de benefícios que vive a compra e venda online. Pelicari afirma que o comércio eletrônico tem algumas dificuldades. “A primeira delas ainda é transporte. Os custos vêm aumentando, e muitas vezes o lojista tem que arcar com esses custos para não perder uma venda. E também, infelizmente, ainda somos dependentes dos Correios na maioria dos casos. Além disso, a falta de segurança em algumas lojas é um dos fatores que mais afasta os consumidores,” conclui.

A estudante Maria Eduarda Facciolo diz que o maior malefício da compra online é a insegurança. “Tenho medo que hackers consigam informações pessoais minhas. O que faço para evitar isso e me sentir mais segura é comprar apenas em sites que possuem o selo de segurança.”

Para isso, existem alguns meios de se prevenir. Existem portais onde o consumidor pode pesquisar a reputação do site e também seu nível de segurança.

Além disso, qualquer empresa, seja física ou online, precisa ser registrada na Receita Federal. É necessário apresentar o CNPJ e inscrição estadual. Tudo isso pode ser visto no site da Receita, o que ajudará a saber sobre a situação da empresa.



Entre janeiro e setembro do ano passado, região de Ribeirão faturou R\$ 600 milhões com e-commerce

CRESCER O NÚMERO DE JOVENS ENVIDADOS

Cartões de crédito e falta de planejamento financeiro são os vilões da juventude.

Isabella Moraes

Segundo o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), 46% dos jovens entre 23 e 29 anos estão no vermelho.

O principal vilão é o cartão de crédito, que representa 45% do total das dívidas. Compras no comércio, principalmente com cartões de lojas, correspondem a 30% desse montante. Já os débitos com tele-

fonia celular aparecem em terceiro lugar, sendo 15% de todos os gastos.

Educação, moradia, água e luz representam 10% dos fatores de endividamentos da juventude brasileira.

“Cada semestre que passa na faculdade tem um aumento nas mensalidades, o que gera um aperto financeiro maior. Esse é um dos principais fatores das minhas dívidas”, reclama a estudante de direito Eduarda Alves, de 23 anos.

Por não ter conseguido nenhum benefício es-

tudantil, como financiamento ou bolsa de estudos (parcial ou integral), a estudante, que recebe um salário mínimo como estagiária, conta que é difícil conciliar os gastos pessoais com os estudos.

“O valor que eu recebo pelo meu trabalho não cobre todas as dívidas que eu tenho e isso acaba me complicando bastante”, afirma.

AJUDA EXTERNA

Ciente da situação atual do endividamento da população, a especialista em matemática Maria Aparecida Bená (FFCLRP-USP) e Lara Pereira Ribeiro (FDRP-USP), com a participação dos professores e alunos dos cursos de Matemática Aplicada a Negócios e de Direito da Universidade de São Paulo (USP), criaram um programa de acompanhamento jurídico-financeiro, o Explica Dívidas.

O serviço desse programa é gratuito e tem como intuito orientar pessoas que gostariam de obter algum tipo de financiamento e possuem dúvidas, sejam

contratuais ou financeiras. Aqueles que já obtiveram e se encontram em situações de endividamento também podem participar do programa.

Em relação aos financiamentos estudantis, o público-alvo são alunos de escolas particulares e aqueles que planejam entrar em um curso superior.

“A intenção do programa é prevenir o endividamento e orientar pessoas que pensam em fazer um financiamento ou que estejam endividadas e queiram resolver a situação”, diz a coordenadora Maria Aparecida Bená.

Os acompanhamentos são individuais e apresentam soluções específicas para as situações pelas quais o interessado esteja passando.

Para ter o atendimento, o interessado deve preencher um formulário online, informando o motivo da procura pelo programa e os dados pessoais. Após a análise do cadastro, será feita uma entrevista e acompanhamento pessoal.

Segundo a coordenadora, existem dois vilões responsáveis pelo endividamento dos jovens.

“Atualmente, os cartões de crédito são os que possuem as maiores taxas de juros no Brasil (e uma das maiores do mundo), podendo chegar, em casos extremos, a mais de 400% ao ano.”

Sendo assim, é de fundamental importância o planejamento financeiro quando o assunto é cartão de crédito, pois qualquer deslize fará com que a dívida cresça rapidamente, e a situação pode fugir do controle. E muito possivelmente para as pessoas endividadas que procuram ajuda no programa faltou planejamento financeiro.”

A coordenadora conclui que não tem intensão em fechar esse programa e tem cada vez mais ideias para a melhoria do serviço.

Mais informações podem ser adquiridas por meio do telefone (16) 3315-0566 ou no explicadividias-extensao@usp.br.

APPS LEVAM JOVENS À “FALÊNCIA”

Quando mal utilizados, aplicativos de compras de baixo valor complicam usuários

Ana Julia Zanchetta

Aplicativos de transporte e de alimentação quebram muitos galhos e ajudam a descomplicar a vida de quem tem pouco tempo disponível para gastar com as idas e vindas dos ônibus e a criação de pratos na cozinha.

Mas, quando mal utilizados, eles podem se tornar um problema, sobretudo para quem não gerencia suas finanças tão bem assim.

No ano passado, estudante Hannah Sarah, 24 anos, gastou R\$ 200 em apps de transporte

em apenas dois dias. Resultado: ferrou o orçamento da sua visita à Comic-Con Experience (CCXP), em São Paulo

“Eu não tinha antecipado que minha amiga não levaria nenhum dinheiro para o evento ou que eu teria que comprar comida e gastar com o transporte dela.”

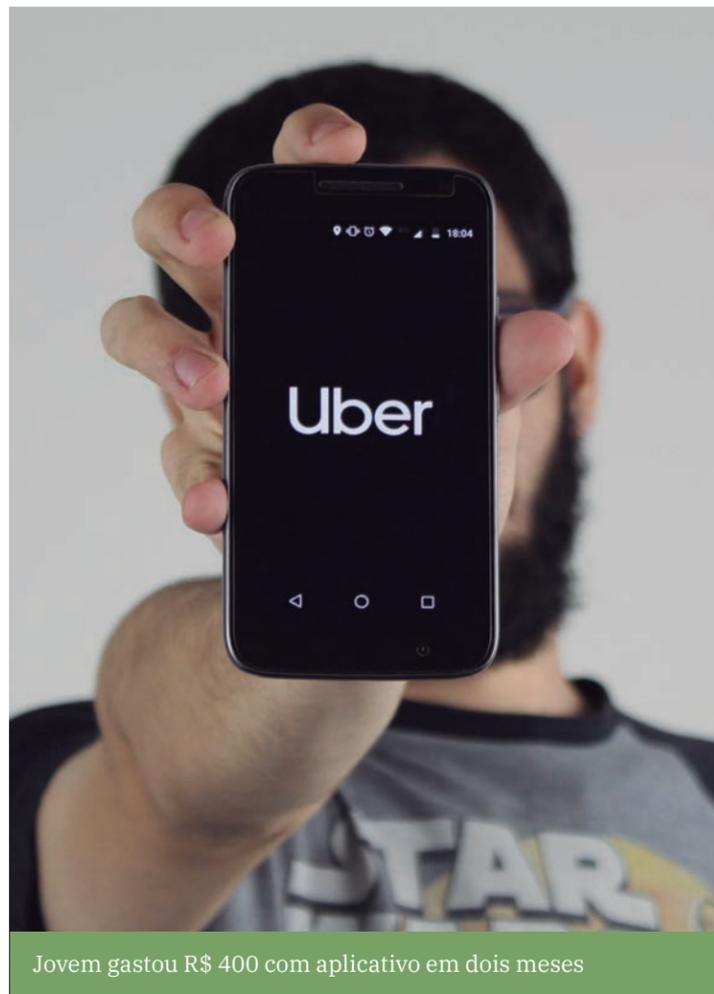
A jornalista Samantha Verhaeg é outra que se deu mal por falhas no planejamento. Morando sozinha, trocou o hábito já raro de cozinhar pela comodidade de um app de entrega de comidas.

Depois de gastar R\$ 400 em menos de dois meses apenas nessa plataforma, ficou apertada e teve de evitar a vida noturna. Durante um

tempo, sair de casa virou um luxo impossível e sua rotina passou a ser de casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade onde estudava e da faculdade para casa.

O economista Nelson Bravo explica que ultimamente a facilidade do dinheiro online vem também com a facilidade de se gastar mais rápido do que se percebe.

Além disso, alerta sobre o uso impulsivo que a maioria dos brasileiros tem com o cartão. “Para explicar melhor, os jovens não gastam grandes quantias só de uma vez, eles acabam usando de R\$ 10 em R\$ 10, que resultam em R\$ 200 ou até mesmo um valor superior”, completa.



Jovem gastou R\$ 400 com aplicativo em dois meses

APPS DE ENTREGA E COMBUSTÍVEL CARO FAZEM VENDA DE MOTOS CRESCER

Emplacamentos cresceram 13% nos primeiros quatro meses no ano; segundo especialista, desemprego ajuda a explicar alta



Lojas encontram na internet uma alternativa para aumentar as vendas

João Vitor Revedilho

O emplacamento de motocicletas aumentou 13% nos primeiros quatro meses de 2019 em relação ao mesmo período do ano passado. Segundo os dados da Federação Nacional Distribuição de Veículos Automotores (FENABRAVE), entre janeiro e abril foram vendidas 352 mil motos, contra cerca de 301 mil registradas em 2018.

Já entre março e abril deste ano, houve um crescimento de 11%, passando de 83.827 para 93.300 veículos a mais circulando pelas ruas do país.

Uma concessionária de Ribeirão Preto tem apostado nas redes sociais e em campanhas mensais de descontos em taxas de motocicletas para atrair os clientes.

“Em relação ao ano passado, a demanda aqui na loja aumentou em torno de 25% e isso gerou uma grande expectativa para nós, concessionários”, afirma o gerente Carlos Alexandre Vasconcelos.

Mas não foram só as motos 0 km que se destacaram no mês passado. As vendas de seminovas

também cresceram 3% nos últimos meses.

O economista José Rita Moreira acredita que esse tipo de veículo é uma alternativa para fugir do desemprego, já que muitos estão aproveitando o aumento de aplicativos de entregas para ganhar uma renda extra.

“Um dos fatores é o aumento no preço dos combustíveis. A moto é mais econômica que o carro, por isso muitos estão optando por esse meio de transporte. Outro motivo é a mudança de comportamento da população, que descobriu que é mais barato comprar comida pronta do que fazer em casa. Então eu acredito que quem está na fila dos desempregados está aproveitando esse serviço para ganhar dinheiro”, explica Moreira.

Esse é o caso do entregador Júnior Sampaio, 25 anos, que para conseguir pagar a faculdade de administração e deixar a fila do desemprego, resolveu fazer entregas para uma empresa.

“A maioria dos entregadores conveniados em aplicativos recebem dos próprios estabelecimentos. Para mim, o retorno é bom, consigo pagar a minha faculdade, a moto e ainda sobra para a diversão” conta.

“

O retorno é bom. Consigo pagar a minha faculdade, a moto e ainda sobra para a diversão

Júnior Sampaio

Sebastião Pereira saiu do Paraná em busca de uma vida melhor no interior de São Paulo. Sem emprego nos primeiros meses na cidade, recorreu ao moto-taxi. Em quatro anos de trabalho, conseguiu comprar um carro, um terreno e duas casas no bairro Parque Ribeirão.

“Trabalhando 12 horas por dia, eu tiro R\$ 3.600 por mês livre [sem contar os gastos com combustível e manutenção]. Mas teve época que eu fazia três corridas por hora e consegui faturar mais de R\$ 6 mil,” destaca o mototaxista.

Para José Rita Moreira, a perspectiva de venda para os próximos meses é positiva, mas com o ritmo mais lento.

“Eu acredito, mas não sei se na velocidade que

estamos vendo. Quando a base percentual é pequena, qualquer número se torna grande. Agora, quando a base é maior, a tendência é que as vendas não superem a estimativa” ressaltou o economista.

MAIS ACIDENTES

Segundo dados do Infosiga, plataforma do governo estadual, os acidentes envolvendo motocicletas são os principais motivos de morte no trânsito em Ribeirão Preto.

Entre 2016 e 2018, houve um aumento de 62% no número de óbitos registrados na cidade em colisões envolvendo esses veículos, passando de 27 para 44.

Para o especialista em trânsito Luiz Gustavo Corrêa, o índice só deve diminuir quando houve investimento em mobilidade urbana.

“[É necessário] investir em educação no trânsito, na melhoria do transporte público, até porque hoje muitas pessoas compram motocicletas, pois o transporte público não atende com qualidade,” afirma.

O número de acidentes registrados em Ribeirão Preto é maior se comparado a de outras cidades do mesmo porte, como São José dos Campos e São Carlos, que registraram seis e três mortes

envolvendo motos nos primeiros meses de 2019, respectivamente.

“Hoje a cidade tem a segunda frota do estado de São Paulo e com o número grande de motocicletas, a incidência de acidentes aumenta. Só em 2019, 14 motociclistas morreram,” resalta o especialista.

A psicóloga Ralquel Almqvist acredita que as impudências no trânsito, principalmente daqueles que estão com a habilitação provisória, está entre os principais motivos para os altos índices de acidentes na cidade.

“Geralmente, o motociclista se arrisca mais, principalmente quando tenta chegar na frente dos carros, ao cortar caminhos, e isso acaba deixar os condutores mais expostos à acidentes” afirma.

“Essas motos andam a 80 km/h no máximo, enquanto um carro está a 100 km/h. Se os veículos da frente apresentarem algum problema, o motociclista não vai conseguir desviar, além do vento produzido por veículos pesados, que desestabiliza o motoqueiro, podendo causar uma colisão,” explica Almqvist.

“Falta fiscalização. Existe uma dificuldade muito grande de fiscalizar a velocidade das motos, por exemplo,” completa.

MERCADO UNIVERSITÁRIO MOVIMENTA ECONOMIA DE RIBEIRÃO E REGIÃO

Realização de festas, aluguel de imóveis e estabelecimentos de conserto de celulares e alimentação são alguns dos setores que lucram com movimentação dos estudantes

Vitor Takatu

Doze milhões de reais. Isso é o que um dos maiores eventos universitários do país, a TUSCA, que mistura festas e competições esportivas, injeta na cidade de São Carlos, a 103 km de Ribeirão Preto. Em Araraquara, a 93 km, um evento do mesmo tipo também injetou cerca de R\$ 12 milhões na economia da cidade em 2018.

Esses são apenas dois exemplos do tamanho do mercado econômico indireto provocado pela vida universitária.

Depósitos de bebida, cantores, iluminadores e tantos outros profissionais também lucram com a realização de festas universitária. “A maior parte dos eventos em que trabalho são universitários. Faço em torno de três eventos na região de Ribeirão Preto”, conta Paulo Silva, que é técnico de som.

“Quando percebi que trabalhar nesse tipo de evento dava mais lucro e menos dor de cabeça que fazer festas de 15 anos, por exemplo, pulei de cabeça nesse negócio”. Além do som, várias outras estruturas utilizadas nesses eventos também são terceirizadas: banheiros químicos, tendas e estruturas de palco, segurança, barmans, etc.

Ainda dentro do segmento das festas, o locatário do espaço também é sustentado por estudantes. “Moro no local e recebo para ajudar meu chefe. Os universitários são nossos clientes diretos e nossa maior fonte de renda”, diz Waldir Castro, caseiro de um dos espaços de eventos em Ribeirão Preto.

O aluguel diário de um espaço desse pode ir de R\$ 1.000 a R\$ 5 mil, dependendo do número de pessoas. Nesse preço, normalmente não estão inclusos os custos de limpeza, que também são de responsabilidade dos contratantes.

As imobiliárias têm uma parcela grande nessa economia. De acordo com o conselho regional de corretores de imóveis, Ribeirão tem cerca de 20 mil estudantes locando casas e apartamentos.

“Os universitários representam boa parte dos nossos negócios. Normalmente, eles vêm de cidades pequenas e têm os pais como fiadores. É mais fácil lidar com essa classe. O único problema é o tempo que temos para achar os apartamentos e fazer todo o trâmite. Os vestibulares dão pouco tempo para a mudança até o início das aulas”, diz Luiza Faria, dona de uma imobiliária especializada em moradias estudantis.

Os apartamentos normalmente não são mobiliados. Então, os estudantes recorrem a móveis de baixo custo ou peças usadas para completar a casa. Com isso, as transportadoras de pequeno porte, ou pessoas que têm outros empregos, mas possuem um veículo adequado fazem trabalhos sazonais nos inícios de ano.

Uma área que é esquecida, porém, quase que se sustenta graças a estudantes são os consertos de celulares. Em uma simples busca no Google

é possível encontrar no mínimo 20 estabelecimentos do tipo. Em uma cidade com tantos jovens, a quebra de telefones é comum, principalmente em festas. Assim, os estudantes recorrem a essas lojas que só aumentam na cidade.

TRANSPORTE E COMIDA

Outro serviço que só cresce são os aplicativos de transporte particular. “Na época de férias, o movimento cai absurdamente. Lembro que a primeira vez que peguei esse período fiquei desesperado. A cidade parece deserta. E em dias de festas é totalmente ao contrário, eu conseguia fazer em torno de 25 viagens e em dias normais fazia de dez a 12”, conta Thiago Carriello que sobrevive apenas da renda obtida com desse tipo de serviço.

Ribeirão é um polo educacional, onde todos os setores são beneficiados com os universitários. Nas classes citadas anteriormente, o setor cria empregos diretos. Mas, em outros, há bastante movimentação indireta.

Restaurantes são prova disso. É comum ver esses estabelecimentos em abundância nas periferias das faculdades e até mesmo dentro das instalações das instituições. Eles fornecem alimentação não apenas para os

“

Quando percebi que trabalhar nesse tipo de evento dava mais lucro e menos dor de cabeça que fazer festas de 15 anos, pulei de cabeça nesse negócio

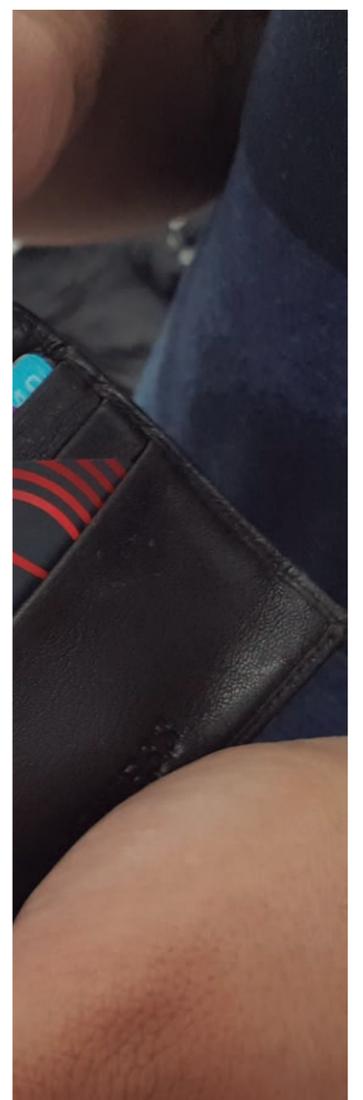
Paulo Silva
técnico de som

alunos, mas também para o corpo docente. “Tenho duas unidades na cidade, uma dentro da Unerp e outra no centro de Ribeirão. A unidade na universidade é a mais lucrativa, diferente do que todos pensam”, comenta Adilson Suzuki.

Os maiores consumidores do seu restaurante são os estudantes, que respondem por 50% do faturamento, seguido por funcionários (35%), docentes (4,5%) e moradores do bairro (0,5%). Os empregos produzidos são grandes se analisado em uma escala macro, onde se empregam desde os cozinheiros até as transportadoras responsáveis por levar a matéria prima até seu restaurante. A colaboração para a conti-

nuidade desses empregos é boa parte responsabilidade dos universitários.

O administrador Valdir Domeneghetti comenta que em uma percepção em relação ao que um estudante leva para a Ribeirão Preto. “Uma cidade universitária chama atenção para grandes eventos, o que aumenta a prestação de serviços. É um ciclo vicioso. Se Ribeirão não sediava tantas universidades grandes, alguns eventos como o João Rock não aconteceriam aqui.”




COMPORTAMENTO

Ver uma filha revirar os olhos, babar e tremer até 100 vezes durante um único dia é insuportável. Esses são os sintomas de Mariana Sousa, de 13 anos, quando não toma um remédio à base de Canabidiol. Por isso, a mãe dela não mede esforços para comprar a substância que age contra a epilepsia, mesmo sabendo que pode ser presa por tráfico, já que o comércio do medicamento derivado da maconha sem autorização da Anvisa é proibido.

“Teve gente que achou que era cigarro”, diz o pai da menina, Hélio Sousa, enquanto assiste à esposa preparar o remédio à beira do fogão. Trata-se de uma pasta, embalada dentro de uma seringa, que precisa ser diluída com óleo de coco ou azeite quente para ser ingerida. “Deu medo [de usar o Canabidiol] pela primeira vez, mas a dor de ver um filho assim... A gente tinha que tentar”, diz Aline Sousa, de 37 anos, que era recepcionista antes de se dedicar exclusivamente a cuidar da filha.

Os remédios do SUS fazem as convulsões diminuir de 100 para 30 ao dia, mas isso ainda é inaceitável, diz a mãe. “Eles consideram que o controle é uma por semana”, explica. “Eles chamam de epilepsia de difícil controle. Mesmo que eu esteja com a melhor medicação, ela ainda é incontrolável”, acrescenta.

O ENGATINHAR

Aline não teve problema durante a gravidez. No entanto, prestes a completar um ano, sua filha sofreu um derrame cerebral. Os vasos que levavam sangue ao seu cérebro entupiram. Um ano depois, aconteceu novamente. As sequelas foram irreversíveis: primeiro, ela perdeu o movimento da mão direita; depois, o das pernas e a fala.

Os médicos não tinham explicações. A família vive em Pitangueiras, cidade com cerca de 40 mil habitantes e hospitais sem estrutura para casos mais complexos. “Como [a epilepsia] é muito rara, muito difícil de descobrir de uma hora para outra, eles acharam que era uma



Família luta por acesso legal e gratuito a remédio derivado da maconha

PAIS CORREM ATRÁS DE MACONHA MEDICINAL

Sem remédio, garota tem até 100 convulsões ao dia

Pedro Martins

coisa passageira”, lembra a mãe. “Aí quando ela teve o segundo [AVC], eles pegaram mais rápido”, acrescenta.

Mariana, então, foi encaminhada ao Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, a cerca de 30 km de sua cidade natal. Foram vários exames até que os médicos da USP descobrissem que ela tinha Moyamoya, uma doença que impede a circulação de sangue no cérebro e provoca AVCs.

Dois meses depois, a menina passou por uma cirurgia de revascularização cerebral. Os problemas, no entanto, estavam longe de acabar. Foi nessa época que Mariana começou a ter convulsões. Eram cinco por dia, mas eram leves. Por isso, os pais não sabiam que estavam lidando com epilepsia. “Se você não estiver por dentro, você não percebe. Ela tinha algumas [convulsões] que eu achava que era susto”, lembra a mãe.

Aos poucos, as crises aumentaram. No período mais crítico, foram 100 em um só dia – algumas leves, outras fortes, mas todas agonizantes, tanto para a menina, que sofria calada, quanto para quem estava ao redor e não tinha como ajudar.

Os médicos do HC testaram vários remédios, mas

nenhum conseguiu dar um basta nas convulsões. De hora em hora, Mariana se contorcia, chegando a quebrar os dentes e a machucar o rosto. Mesmo assim, esses remédios eram a única opção que a família tinha. A epilepsia prejudicou muitos pontos do cérebro. Por isso, os médicos garantem não ser possível resolver o problema com cirurgia.

OS PRIMEIROS PASSOS

Foram quatro anos de sofrimento até que uma luz surgisse. Eles conheceram o Canabidiol por meio de uma reportagem no Fantástico sobre uma criança de Brasília que parou de ter convulsões após começar a tomar o remédio. Em seguida, assistiram ao documentário *Illegal*, da Netflix, que mostra a luta de quem faz uso da maconha medicinal.

A família perguntou sobre o Canabidiol para os médicos do HC, e eles não aceitaram a ideia. Apesar disso, a mãe não culpa os médicos. “Um dia, a médica chegou a falar que, se receitasse, seria mandada embora”, conta Aline, que encontrou no Facebook os pais da criança citada na reportagem, que a encorajou a testar o medicamento.

O medo era grande, mas a coragem, maior. Aline e Hélio passaram a comprar o remédio de

pais que tinham acesso por meios legais ou que viajavam aos EUA para comprar e revender. O resultado veio logo após a primeira dose. “Dentro de 24h, nem chegou a um dia. Traz um olhar mais ativo. Parece que pega as coisas mais rápido. Quando ela está sem, é aquela coisa mais lenta”, avalia a mãe.

AS QUEDAS

Se o medicamento fosse legal e fácil de encontrar, o problema estaria resolvido. A realidade é amarga, no entanto. Os vendedores, que agem contra a lei, aparecem e somem de repente. Com isso, o preço do medicamento varia: hoje, a família paga R\$ 550 em cada seringa, mas já chegou a comprar por R\$ 1,2 mil. Para tomar três doses ao dia, Mariana precisa de três seringas por mês, o que pode custar R\$ 3,6 mil.

Em alguns meses, os pais não têm dinheiro para comprar o medicamento; em outros, não têm onde comprar. Aline não traba-

lha fora de casa, porque precisa estar o dia todo ao lado de Mariana. O pai é caminhoneiro, mas tem pouco serviço. O dinheiro para bancar o remédio vem do quintal de casa, onde a família mantém um brechó.

O problema é que a arrecadação varia. Eles já ganharam R\$ 4 mil em um mês em que fizeram uma ação especial, anunciada com meses de antecedência, mas normalmente o lucro não ultrapassa R\$ 800. O valor não é suficiente para comprar nem metade da quantidade de medicamento de que a filha precisa. Para agravar a situação, os familiares não têm condição de ajudá-los financeiramente.

“Mexe muito com o psicológico na hora das crises. Meu sonho era ter uma caixa de Canabidiol, porque parece que você descansa”, desabafa Aline. “Eu falo para ele [meu marido] que, se for para eu morrer, quero que seja em uma hora que a Marina esteja em uma situação que dá para a família cuidar.”

Os pais correm o risco de serem presos por tráfico. A mãe até tem medo, mas diz que não vai deixar de comprar o medicamento, pois, sem ele, a filha corre o risco de morrer. “Se cair no ouvido de alguém, pode vir policial, delegado, juiz, que eu falo ‘se põe no meu lugar, mesmo sendo ilegal você iria fazer também pelo seu filho’, desabafa.

Em julho, Mariana completa 14 anos. Faz mais de uma década que a família sofre com as sequelas da Moyamoya, mas cada dificuldade superada faz a determinação dos pais falar mais alto na luta pelo acesso legal e gratuito ao medicamento. Eles levarão a filha a uma médica de Sorocaba, que analisou o caso e promete receitar o Canabidiol. Com isso, a família pretende entrar com pedido na Anvisa e assim conseguir o remédio pelo SUS.



ALÉM DA MEDICINA TRADICIONAL

Reiki e acupuntura são duas terapias alternativas reconhecidas pelo Ministério da Saúde



Ministério da Saúde reconhece 29 terapias alternativas

Beatriz Rossi

Os cuidados com a saúde vão além do convencional. A busca pelo bem-estar faz as pessoas experimentarem terapias. Os métodos naturais auxiliam no tratamento de problemas emocionais e físicos, além de ajudarem no emagrecimento. O Ministério da Saúde inclui 29 dessas terapias alternativas no SUS desde 2018.

O número de profissionais capacitados para realizar essas terapias cresce. É o caso de Priscila Canavarolli, especialista em acupuntura.

“Ela trata todo tipo de desequilíbrio. A doença, para a medicina oriental, de maneira simplória, nada mais é do que um desequilíbrio energético. Uma diabetes, por exemplo, pode ser uma deficiência de energia de baço. Uma ansiedade pode ser um excesso de energia de coração”, explica.

A especialista também explica como é feito o

andamento das sessões. “A avaliação é feita de maneira bem ampla. Precisamos saber do funcionamento integral do paciente, como hábitos alimentares, exercícios, tipo de trabalho, sono, processo digestivo, menstrual, medicamentos que ingere e emoções que prevalecem. Há casos que apenas uma sessão já é suficiente, e há casos em que é preciso fazer um tratamento mais longo.”

Desfrutadores dessas práticas garantem que os métodos funcionam até melhor do que os tradicionais. “Me deixa mais leve, me sinto calma e tranquila, como se tudo estivesse fluindo na minha vida. Também me deixou menos ansiosa”, afirma a estudante Nathália Mansur, que é adepta do reiki.

Assim como ela, outros adeptos percebem melhoria na qualidade de vida. As mudanças vêm nas primeiras sessões. “O principal benefício é conseguir ter uma paz e uma leveza muito boa. Para quem é bem estressado ou ansioso, o reiki é maravilhoso”, conclui.

ADOÇÃO EM QUESTÃO

Prática ainda desperta dúvidas a respeito do comportamento que pais devem ter

Melissa Gouveia

Foi aos dez anos de idade que os pais biológicos de Ana Carolina Spirlandelli procuraram

a menina para tentar o primeiro contato. Ela foi entregue aos nove meses de vida aos pais adotivos.

Naquela época, ainda criança, ela não quis saber da retomada de contato com os pais biológicos. O que pouco sabia era que a mãe era usuária de drogas e portadora de HIV e o pai era alcoólatra, ambos sem condições para criá-la.

“Minha mãe biológica me procurou, mas eu não quis saber dela não. Preferi ficar com meus pais e as minhas irmãs, que é onde eu me senti acolhida”, afirma.

Ela conta não ter vergonha de falar que é adotada, já que seus pais nunca esconderam esse fato, e que, futuramente, pretende ser mãe adotiva também. “Eu acho a adoção uma ação linda. Há tantas crianças e adolescentes esperando por uma família. Se eu me casar um dia, pretendo adotar uma criança”, afirma.

Segundo a assistente social Elizabeth Regina Negrí Barbosa, casos como esses desencadeiam uma série de problemas, seja com os pais adotivos ou mesmo com o adotado.

Mas também há situações que podem unir as duas famílias, a dos pais adotivos e dos biológicos. Existem sites de procura, programas que facilitam este encontro.

“Creio que, para filhos adultos, o tipo de reação seja talvez menos traumático devido ao mo-

mento de maturidade que o mesmo se encontra. Porém, não se pode afirmar isso com total certeza, pois as pessoas são emocionalmente diferentes e podem em qualquer idade apresentar sentimentos diversos que até na idade adulta estejam latentes e se manifestem nesse momento”.

A jovem professora falou que, após esse ocorrido, os pais biológicos não tentaram contato novamente e que essa vontade de encontrá-los, por enquanto, ainda não surgiu dela.

Hoje, Ana Carolina tem 24 anos e é mãe de um menino, que, curiosamente, também ganhou um “pai de coração” (termo denominado a pessoas que não são pais biológicos, mas que criam algumas crianças), quando o pai biológico do menino não assumiu a criança.

“Tive um relacionamento de um ano, com quem tive meu filho, mas ele não quis saber. Após um tempo, comecei a namorar outra pessoa, que considera meu filho como se fosse dele”. Atualmente, os dois dividem o tempo que passam com a criança, que fica os dias da semana com a mãe e os fins de semana, com o pai.

Elizabeth ainda afirma que é pelos pais adotivos que a criança deve saber que é adotada, pois é contando a verdade aos filhos que a mensagem da adoção será positiva, permitindo que a criança confie em sua nova família.

“Especialistas no assunto dizem que se deve falar com a criança quando é pequena. Esse tipo de abordagem lhe dá a possibilidade de aceitar a ideia e integrar-se ao conceito de ter sido adotado. Outros especialistas consideram se a revelação for efetuada quando a criança tem pouca idade, isso pode confundir-la. Em ambos os casos, as crianças devem saber de sua adoção, pelos pais adotivos”.

“
Minha mãe biológica me procurou, mas eu não quis saber dela não

Ana Carolina Spirlandelli

 COMPORTAMENTO

GORDOFOBIA É PROBLEMA

Preconceito contra pessoas acima do peso é parte da rotina de 92% dos brasileiros

■
Ana Carolina J. Martin

Você já chamou uma mulher de gordinha em vez de gorda por medo de ofendê-la?

Uma pesquisa realizada pelo Ibope indicou que a gordofobia está presente na rotina de 92% dos brasileiros.

Apesar disso, apenas 10% assumem ter algum tipo de preconceito contra gordos. Outros 8% também reconheceram ter dificuldade em aceitar aspectos que fogem do padrão social.

Na mesma linha, o interesse pelo tema tem aumentado no mundo virtual. O Google registrou que as pesquisas pela palavra gordofobia cresceram 57% entre janeiro e setembro deste ano.

Jaqueline Leite sempre foi gorda. Na infância, era acima do peso, mas sempre esteve saudável. “Quando criança, eu não entendia todos os olhares maldosos, mas o tempo me fez ver como sociedade em que vivemos é preconceituosa. Desde pequena ouço que quando crescesse iria emagrecer e ficar bonita. Hoje, tenho um metro e meio, continuo gorda e maravilhosa,” relata.

“O dia em que me ‘descobri’ gorda foi doloroso e aconteceu logo após um longo período de luto. Eu tinha 14 anos, quando me disseram que eu morreria gorda, feia e sozinha, como minha tia. O problema é que minha tia era doente mental, nunca teve nenhum tipo de relação sexual com outra pessoa, não tinha noção

sobre saúde e nem nada do tipo, e ser comparada àquela situação me doeu demais.”

A estudante de publicidade conta que tentou vários métodos para emagrecer e chegou a sofrer de bulimia, um transtorno alimentar que afeta mais de 5% das mulheres no mundo. Hoje Jaqueline sofre com sequelas como

gastrite, ansiedade e outros problemas de saúde.

Segundo a endocrinologista Marisa Favaro, independente do peso, é importante ter hábitos alimentares adequados e praticar atividade física. “Mais importante que se enquadrar em um padrão é se sentir bem e cuidar da saúde.”



Pesquisas pela palavra gordofobia cresceram 57% entre janeiro e setembro de 2018 no Google

COSPLAY PODE VIRAR AMOR E PROFISSÃO

Prática de assumir identidade de um personagem nasceu nos EUA e existe desde anos 1930

■
JV Pitol

Stephanie Marques conheceu o noivo de forma inusitada. Ele estava fotografando em um estúdio improvisado, dentro de um evento de anime, enquanto a analista de sistema era Asuka, personagem de Evangelion.

“Cosplay para mim sempre foi uma válvula de escape. Comecei fazendo porque era muito tímida e depois se tornou uma forma de me ajudar e me libertar de diversas formas.”

Cosplayer é a pessoa que se fantasia como hobby, por muitos considerado

arte, de personagens fictícios da cultura pop. Jogos, quadrinhos, filmes e desenhos, assim como produções de origem oriental, tais como animes e mangás, são inspiração para essas pessoas.

O termo cosplay é de origem inglesa, formado pela contração das palavras costume (fantasia) e roleplay (interpretação). A prática começou na década de 1930, quando dois jovens foram fantasiados com trajes espaciais na Worldcon, em Nova York. O sucesso foi tanto que várias pessoas aderiram e logo surgiu os primeiros concursos.

PROFISSÃO

Ron Cruz Vaz começou a fazer cosplay em 2011, em um evento no Rio de Janeiro. Seis anos depois, transformou o hobby em profissão, algo ainda inco-

mum em um mercado que só agora está em ascensão.

“Eu percebi que poderia ser profissional quando fui à CCXP (Comic Con Experience) em 2017. As pessoas tiveram uma reação tão positiva que ficou na minha cabeça: por que não levar isso à frente?”

E ele levou. Depois de bastante perseverança e dedicação empregadas, algumas propostas de trabalhos começaram a aparecer. “Foi necessário correr atrás e não desistir.”

É importante ressaltar que as redes sociais desempenham um papel importante. O perfil no Instagram de Cruz Vaz, que antes era somente para uso pessoal, aos poucos se transformou em portfólio.

O cosplayer salienta que seu trabalho “é uma forma de expressar a



Acervo pessoal

De acessórios à expressão corporal, cosplay é arte | Foto: Lucas Arnaud e Blendon Alves

arte, desde encontrar o material certo para criação do cosplay e dos acessórios até a expressão facial. Eu sempre procuro estudar o personagem antes de começar a fazê-lo. Fico atento à postura e ao modo como ele fala”. Ele prefere escolher personagem com os quais se identifica para poder passar mais

verdade e naturalidade nos eventos.

Durante um evento de lançamento do livro Harry Potter e a Criança Amaldiçoada, uma mãe pediu para que ele e os amigos gravassem um vídeo para o filho dela, que estava no hospital. “São pequenas atitudes como essas que fazem toda a diferença.”

TINDER NÃO É SÓ PEGAÇÃO: CRIA NAMOROS E ATÉ CASAMENTOS

Aplicativo une casais desde 2013 e mudou a vida amorosa de muita gente

Eduarda Antiório

Como vocês se conheceram? Essa é uma pergunta que todos os casais já tiveram que responder. Para a professora Esther Marinho, 31, e o informata biomédico Luca Moreto, 34, por algum tempo, a resposta dele foi uma completa fraude: em um barzinho.

Essa foi a solução que ele encontrou, por uma certa timidez que tinha da origem verdadeira do relacionamento. Eles se conheceram através do Tinder, aplicativo que nos últimos seis anos vem revolucionando a arte de seduzir e que já uniu vários casais reais.

O casal entrou no Tinder nos seus primórdios, em 2014, apenas um ano após sua estreia aqui no Brasil. Segundo Esther, ela nunca tinha usado nenhuma rede social para ir atrás de paqueras ou algo do tipo. Sua aproximação com o Tinder se deu a partir de uma “zoeira”, por causa de seus amigos, que já estavam usando o aplicativo e sempre comentavam sobre pessoas conhecidas que também estavam por lá. “Eu comecei a usar mais para ver como era, porque eu não conhecia”, afirma.

A professora chegou a puxar conversa com algumas pessoas, mas não levava nada a sério. “Eu não estava procurando um relacionamento, não estava procurando uma pessoa, eu estava simplesmente... perdendo tempo”, diz, aos risos.

Luca, que também entrava no aplicativo por causa de seus amigos que falavam muito sobre o tema, não estava com intenção alguma de encontrar alguém para levar a um relacionamento mais duradouro. “Eu estava solteiro, não estava fazendo nada. Não estava

procurando alguém, mas se aparecesse, bacana. E aí, apareceu o amor da minha vida”, afirma, em tom todo apaixonado.

Ambos não haviam saído com ninguém através do aplicativo, até começaram a conversar.

De acordo com eles, Esther foi quem começou a puxar conversa. Por muito tempo, o informata biomédico disse, para seus colegas de faculdade, que eles haviam se conhecido em um barzinho, já que um colega de trabalho era muito “atormentado” por ele e seus amigos por estar namorando uma mulher que conheceu no aplicativo.

Enquanto isso, Esther nunca escondeu a verdadeira origem da relação. “Eu já tinha dito a verdade para os meus

amigos. Disse que tinha sido no Tinder mesmo, até porque alguns ali já tinham saído com pessoas de lá, e a gente não via problema algum.”

Graças a um amigo em comum, o primeiro encontro foi em uma hamburgueria. “Eu nunca teria coragem de marcar um encontro sozinho com ele sem o conhecer. Ele foi no próprio carro, eu fui no meu, apenas nos encontramos para jantar. Nas vezes seguintes, continuou nesse mesmo esquema, sempre em lugares públicos”, afirma Esther.

De acordo com ela, se não existisse um amigo em comum, dificilmente o encontro teria acontecido. Talvez ela teria marcado uma balada, cercada de amigos e certamente menos pessoal.

“

Eu estava solteiro, não estava fazendo nada. Não estava procurando alguém, mas se aparecesse, bacana! E aí, apareceu o amor da minha vida”

O casal está junto desde setembro de 2014. Em 2016, a relação ficou mais séria e aconteceu o casamento.

NADA DE SOLIDÃO

Enquanto algumas pessoas entram no aplicativo apenas para ver como é, outras buscavam alguém para conversar. Foi o caso da biomédica, Raquel Ambrósio, 27. Já seu namorado, Adauto Júnior, vendedor, 23, só queria curtir no app.

Raquel se mudou para Ribeirão Preto em 2015. Na cidade, ela só conhecia dois amigos de faculdade. Sozinha, decidiu baixar o aplicativo mais para ter com quem conversar, e não necessariamente para encontrar um relacionamento.

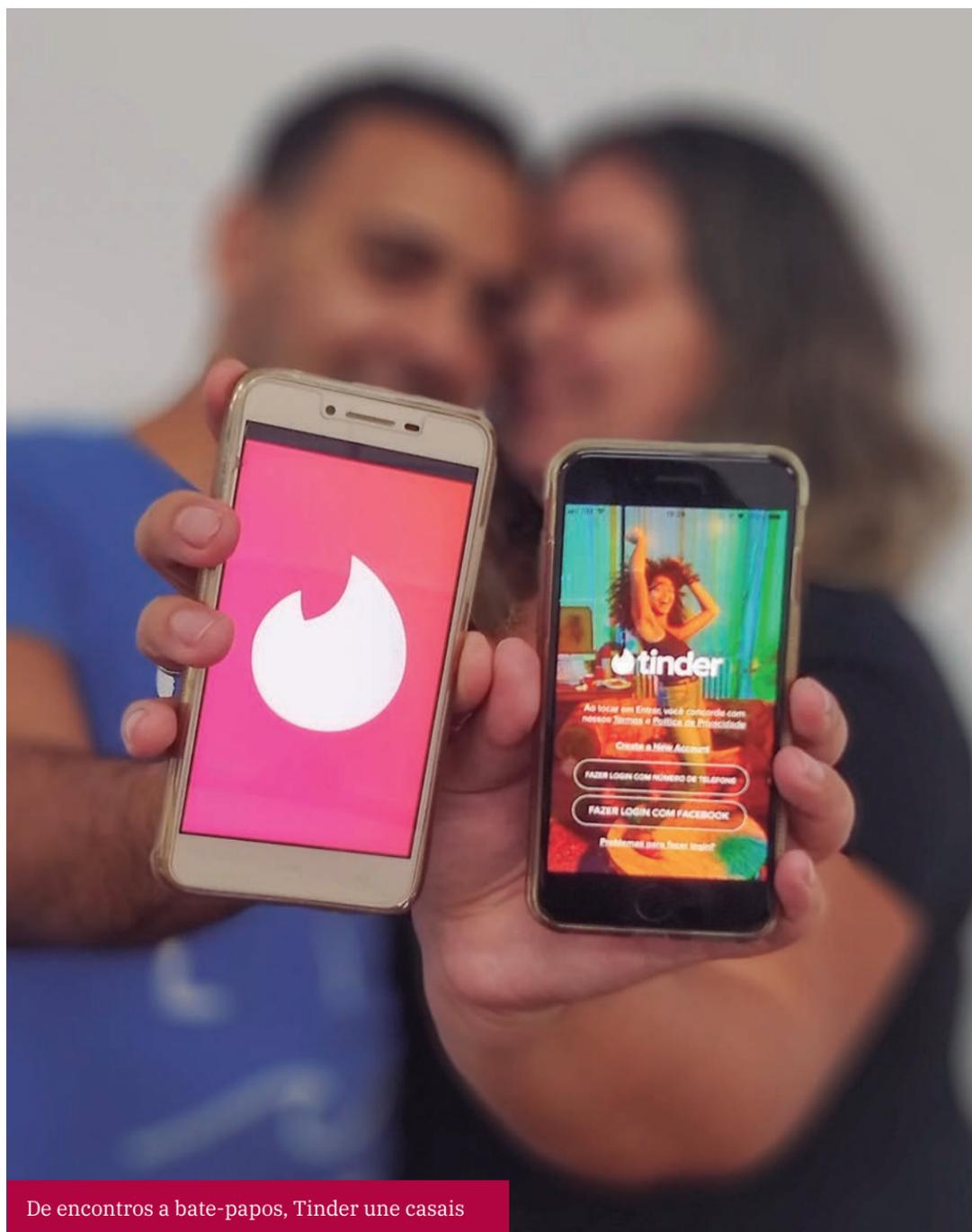
Adauto, estava à procura de mulheres mais velhas, mas também não queria um relacionamento sério.

A biomédica conta que chegou a conversar com várias pessoas, mas não tinha vontade de sair com ninguém, enquanto Adauto aproveitava sua “fase de solteiro”. Após um tempo, o famoso “match” chegou até o casal e os levou a um primeiro encontro, que acabou sendo adiado.

Com o passar de duas semanas, voltaram a conversar, mas dessa vez pelo WhatsApp, e então conseguiram remarcar. Eles foram a um restaurante. E tudo deu certo.

Raquel lembra que, por não conhecer seu futuro namorado, teve medo. “Mande mensagem para os meus dois amigos, falei que estava saindo com uma pessoa que conheci no Tinder e que, se não desse notícias até meia noite, era para chamar a polícia”, conta, despreocupada e em meio a risos.

Adauto e Raquel saíram no mesmo carro. Segundo a esteticista, após se verem pessoalmente, ela sentiu confiança no parceiro, o que levou à construção de um relacionamento duradouro desde então.



De encontros a bate-papos, Tinder une casais

ATLETAS DESISTEM DO ESPORTE PARA FAZER FACULDADE

Desistir de um sonho não é uma escolha fácil

Luan Porto

Conciliar a carreira esportiva com a vida acadêmica não é fácil. Há exceções, como a do ribeirão-pretano Sócrates, que se formou em medicina pela USP enquanto jogava pelo Botafogo-SP, na década de 1970, e fez carreira na seleção brasileira de futebol.

Bruno Alves de Campos, de Taquaritinga, é o oposto de Sócrates. Aos 22 anos, teve que escolher entre o futebol e a faculdade. “Em 2016, não encontrei nenhum clube e percebi que precisava mudar de vida, fazer novas escolhas”, relembra. “Escolhi educação física por gostar do esporte e de preservar minha saúde e meu corpo”, explica.

No entanto, após jogar em clubes do interior, como Ferroviária de Araraquara, Inter de Bebedouro e Atlético Taquaritinga, Bruno sonha em voltar aos gramados.

No mesmo barco que Bruno, está Thainan Fidalgo, de 22 anos, que era jogador profissional de badminton e precisou abrir mão do esporte por conta da faculdade.

Thainan se interessou pelo esporte aos 9 anos e começou a jogar com seriedade aos 15, quando morava em Brodowski. Ele se destacou rapidamente. “No primeiro campeonato, consegui o primeiro lugar em duplas. Em seguida, fiquei com a terceira colocação no individual. Todo campeonato tinha uma vitória. Essa era minha motivação”, relembra.

Em seguida, ele foi convidado para atuar profissionalmente pela equipe de



Atualmente estudante, Thainan trocou o badminton pelo jornalismo

Ribeirão Preto. As coisas começaram a complicar para o atleta assim que ele entrou na faculdade, pois os treinos eram noturnos, período em que ele estuda. Com isso, ele começou a faltar aos treinos e perder campeonatos, até que decidiu desistir no início do terceiro ano, época em que surgiu uma oportunidade profissional ligada ao curso. “A rotina era es-

tudar, estágio, estudar, estágio... Aí o badminton foi ficando de lado”, diz.

Thainan cursa jornalismo. Ele escolheu o curso por conta de outra paixão: o crossfit. “Percebi que tinham vários jornalistas que realizavam a cobertura dos campeonatos, aí juntou a fome com a vontade de comer, né?”, brinca.

Thainan diz que pensa em voltar às quadras, mas não profissionalmente. “A adrenalina que as modalidades proporcionaram hoje são substituídas pelas preocupações com o futuro e com a vida profissional. Sonho em voltar a treinar, tenho orgulho do que conquistei, mas são lembranças que ficaram para trás”, finaliza.

E-SPORTS CRESCEM E JÁ TÊM PROFISSIONAIS

No Brasil, salários de atletas de games variam entre R\$ 1.500 e R\$ 10 mil mensais

Os valores ainda estão longe do futebol, por exemplo, que ultrapassa os R\$ 600 bi por ano. Porém, têm potencial enorme para crescer.

Nicholas Bocchi, 24, iniciou sua carreira de jogador cinco anos atrás, enquanto assistia a uma final mundial de League of Legends (LoL).

“De início, havia criado um canal no Youtube e na Twitch [plataforma de transmissão de vídeo games], enquanto treinava pra tentar ser jogador. Pouco tempo depois, em março de 2015, surgiu a oportunidade de participar da peneira Preparando Campeões da CNB”, afirma.

Hoje, além de diretor da equipe, que surgiu em 2001 e usa como nome a abreviatura de “canibais”, ele também trabalha como advogado. “Atualmente, meu trabalho diário é com outro ramo, o Direito Previdenciário, porém me mantenho no mercado de e-sports atendendo alguns clientes e me preparando para que, quando o mercado estiver mais maduro, eu possa realizar o sonho de viver dessa modalidade.”

Atletas bem-sucedidos

No Brasil, um jogador profissional ganha entre R\$ 1.500 a R\$10 mil de salário mensal. O valor depende do game e do seu marketing pessoal.

“Consigo, sim, sobreviver financeiramente apenas

com o dinheiro de e-sports, mas pra isso preciso sempre me manter no topo, ganhando os campeonatos”, relata Fernando Cerqueira, 21, que é especialista em Pointblank.

“Embora os fãs do e-sport se multipliquem a cada ano, o crescimento do mercado é certo apenas mantendo os fãs que já possuem. Boa parte de seus espectadores/consumidores são jovens que ainda não possuem maturidade financeira. Dessa forma, conforme esses jovens forem se tornando cada vez mais ativos socioeconomicamente, maior vai ser o interesse de patrocinadores”, avalia Nicholas.



eSports movimentam US\$ 696 milhões por ano, diz estudo

Mariana Carvalho

Leaague of Legends (LoL), DotA 2, Counter Strike (CS:GO). Todos são jogos de videogame que, tempos atrás, eram meros passatempos. Mas graças aos investimentos bilionários que circulam pelos torneios de alto nível, a quantidade de jogadores e equipes profissionais ao redor do mundo vêm crescendo.

Hoje, os esportes eletrônicos, mais conhecido como, e-sports, são um fenômeno global. O último campeonato mundial de League of Legends (LoL) registrou recorde de 99,6 milhões de espectadores nas transmissões oficiais.

Um estudo da Newzoo, consultora do mercado de games, estima que os e-sports movimentem anualmente US\$ 696 milhões (R\$ 2,15 bilhões) e tenham audiência de 385 milhões de pessoas, com a maior concentração nos EUA e na Ásia.

1 ESPORTES

Gabriel Todaro

PALMA TRAVASSOS TEM CAPELA DESDE 1965

Espaço dentro de estádio recebe missas e reúne torcedores do Comercial

Na década de 1960, Áureo Alves Ferreira e o português João Pessoa realizaram juntos uma promessa para Nossa Senhora de Fátima, que, segundo a família, levaram para o túmulo.

Como agradecimento à santa, resolveram construir uma capela dentro do Estádio Doutor Francisco de Palma Travassos, casa do Comercial.

A igreja só foi inaugurada em 15 de maio de 1965 e conta com capacidade para receber aproximadamente 80 pessoas. O espaço recebe missas em ação de graças ao clube nas vésperas de jogos importantes e também em ocasiões especiais, como datas comemorativas para a equipe ribeirão-pretana e também para a santa padroeira.

Cinco décadas atrás, os dois fundadores da capela trabalhavam nos bastido-



Com capacidade para 80 pessoas, missas acontecem dentro do estádio

res do Palma Travassos. Áureo era vice-presidente da comissão que administrou as obras no estádio e, posteriormente, passou a ser diretor. Já o português foi responsável pela fixação do primeiro pilar de sustentação nas obras de construção. Após sua conclusão, foi nomeado como administrador da arena.

Há quatro anos, a família de João Pessoa é quem coordena as celebrações na

capela, cuida da limpeza, confecciona os panfletos e divulga nas redes sociais as datas das missas.

“Não dá para transmitir o que sinto em palavras, não tem preço. São poucos os clubes que têm uma capela no estádio. É gratificante”, explica Marco Pessoa, neto de João, que, junto de sua mulher, Cláudia, tocam em frente a promessa do português. Mas as relações da família com o

santuário vão além do avô. Marco foi batizado e o pai dele casou no local. Segundo Marco, a ida de torcidas rivais é quase nula. “Pela capela estar localizada dentro do Palma Travassos, é difícil os adeptos do Botafogo e de outros times da região frequentarem.”

No entanto, alguns torcedores de outros times já frequentaram o espaço, por curiosidade ou pela

proximidade da capela com suas casas. Mas Marcos salienta que as pessoas ficam surpresas quando descobrem da existência do espaço. “Mas quem vai uma vez, sempre volta”.

O padre responsável pela organização das missas é Elviro Junior. “Estou na paróquia há três anos, mas comecei a celebrar neste ano”, explica o sacerdote. “Sou torcedor do Comercial, mas os outros padres que celebraram antes eram neutros, não torciam para nenhum time de futebol”, revela Elviro, que ainda diz ser palmeirense.

Para o padre, qualquer espaço aberto para anunciar o evangelho é sempre bem-vindo. “Não vejo problema, muito pelo contrário. Vejo como um privilégio ter uma capela e um grupo que se reúne para rezar”, comenta. “Apoiei e achei maravilhoso poder celebrar com os jogadores, torcedores e diretoria”, completa.

Ele ainda salienta que as celebrações acontecem uma vez por mês, sempre na segunda semana, mas sem data fixa, pois depende dos jogos.

UNAERP DÁ BOLSAS A NADADORES

Projeto mudou a vida de Mariana, que se divide entre a piscina e a faculdade de Direito

Letícia Pane

Aos seis anos, Mariana Menezes começou a praticar natação por indicação médica devido a um problema asmático. A academia em que ela treinava tinha uma parceria com a equipe de natação da Unaerp. Desde 2005, ela defende a instituição. Aos 22, Mariana cursa direito graças ao que vem fazendo dentro d'água.

Mariana entrou para o projeto “Formando Campeões para a vida”, que possui três pilares: desenvolvimento pessoal, formação acadêmica e profissional (através da distribuição de bolsas de

estudo) e alto rendimento. “Venho de uma família de não tão boa renda. Então, desde o começo, já tinha a intenção da bolsa de estudo.”

Ao todo são 20 bolsas. Segundo o coordenador do projeto, Arthur Rizzi, o trabalho tem reconhecimento da Federação Aquática Paulista, e a equipe da Unaerp está entre as cinco melhores de São Paulo.

O desempenho da atleta é satisfatório. Em 2013, ficou em quarto no Brasileiro Junior nos 400 m livres. Três anos depois, foi campeã paulista nos 800 m livres. Mas o maior destaque veio no ano passado, nas provas de 200 m costas, 100 m costas e 200 m livres dos Jogos Regionais.

A técnica de Mariana, Lisiane Destro, conta que



Jovem conquistou três prêmios em Jogos Regionais

sua atleta está em crescimento. “Ela está terminando o curso de direito, então existem momentos de altos e baixos, mas ela sempre esteve constante no objetivo dela e nosso.”

Lisiane tem uma história parecida com a de Mariana. A treinadora entrou na equipe em 2012, através do mesmo projeto. Conseguiu bolsa para cursar educação física e fez pós-graduação

em treinamento esportivo. Hoje, comanda a equipe de natação e está concluindo o mestrado.

Mariana diz que os grandes resultados só aparecem depois de muito tempo de dedicação e resistência. “Eu sempre tive dificuldade por causa da asma. A dedicação e o comprometimento da equipe técnica me fizeram crescer, amadurecer. Fui plantando e agora estou colhendo esses frutos.”

Ela ainda lembra que no Brasil a natação é um esporte caro e, portanto, a oportunidade que esse projeto traz é importante para tirar o jovem da rua e levá-lo para o esporte. “Já perdi muitos amigos que nadavam para as drogas, por exemplo. A natação é um esporte que traz disciplina, responsabilidade, trabalho em equipe”, completa.



MASTERCHEF RIBEIRÃO

Aos 45 anos, Fogaça pretende abrir restaurantes na Europa

Cria da cidade, Henrique Fogaça fala sobre TV, música e, claro, gastronomia

Laura Barretto

Tornar-se chefe de cozinha não estava no seu plano de vida. Com a necessidade de se alimentar melhor, abandonou seu emprego de bancário e foi estudar gastronomia. Começou a carreira com um food truck e hoje é consagrado um dos maiores chefs do Brasil.

Além de compor o trio de jurados do programa MasterChef, da TV Band, é vocalista de uma banda de hard core, pai, skatista, motoqueiro e chef de restaurantes conceituados, como Sal Gastronomia, Cão Veio e Sal Grosso.

Em entrevista ao JORNAL DO ÔNIBUS, Henrique Fogaça lembra sua vida em Ribeirão Preto e fala de culinária, projetos e de como participar de um programa em rede nacional de tevê mudou sua vida.

Jornal do Ônibus: Você sempre sonhou com a carreira de chef de cozinha?

Henrique Fogaça: Não, sempre gostei muito de comer, mas nunca imaginei que seria cozinheiro. Foi algo que apareceu na minha vida por necessidade de me alimentar melhor. Comecei a cozinhar e peguei amor pelo

trabalho e virou minha profissão.

Qual dica você gostaria de compartilhar com os cozinheiros amadores?

HF: Entrar no mercado de trabalho e fazer um estágio em um restaurante que já esteja funcionando ativamente para entender um pouco como funciona a cozinha.

Como você define sua culinária?

HF: Minha culinária é muito afetiva. Eu trago muitas recordações de família. Não gosto de rotular tipo de comida que eu faço, mas ela entra em uma comida contemporânea brasileira.

Pretende expandir seus projetos pelo Brasil e em outros países?

HF: Pretendo sim. Estou com restaurante no Rio de Janeiro e São Paulo. Minha ideia talvez é ir para a Europa, Portugal.

Quando você era jovem em Ribeirão Preto, imaginou que um dia se tornaria um grande e famoso chef do Brasil?

HF: Em Ribeirão Preto, tive uma série de experiências boas com rock, skate e uma série de coisas, mas nunca imaginava. Estava guardado esse dom da cozinha.

O que você levou da culinária de Ribeirão Preto para a sua vida? O que falta na culinária daqui? Pensa em algum projeto para a cidade?

HF: Levei a culinária mais

caseira da minha mãe e da minha vó. As lembranças que eu tenho são essas e que me transportaram para a cozinha. O que falta são mais novidades, mais chefs de cozinha mostrando o trabalho e a cozinha brasileira. Por enquanto, ainda não tenho nada em mente para Ribeirão, mas quem sabe num futuro próximo.

O que de fato o Masterchef mudou em sua vida?

HF: Na minha vida, o Masterchef mudou bastante. A fama das pessoas assistirem ao programa e essa visibilidade nacional que proporcionou através da minha personalidade, do jeito que eu sou e as pessoas a se inspirarem através da gastronomia.

Como foi a experiência de escrever um livro au-

tobiográfico (Um Chef Hardcore)?

HF: Durante o período de trabalho, nunca imaginei escrever um livro, mas apareceu a oportunidade e eu resolvi fazer um livro contando histórias de família e algumas receitas do meu restaurante.

Houve algum momento em que pensou que a culinária não era para você?

HF: A culinária entrou na minha vida de uma forma muito natural: uma vontade de me alimentar melhor. Comecei a pedir receitas para a minha vó, então nunca tive nenhuma dúvida do que eu estava fazendo. Fui seguindo minha intuição e meu coração.

Sobre sua banda, Oitão, você se sente realizado?

HF: Me sinto realizado em tudo que gosto de fazer. Meu estilo de vida, na música, no esporte, na cozinha. É algo muito enriquecedor. Me sinto realizado com a banda porque, com o Oitão, a gente conseguiu tocar em vários festivais com bandas que, quando eu era adolescente, admirava muito e pude estar junto com o pessoal no mesmo palco, com bandas da Europa, dos Estados Unidos e bandas antigas que de certa forma influenciaram muito minha vida. A banda tem 11 anos e tudo o que eu vivi foi com shows e contato com outros músicos. Também pude cozinhar para várias bandas que eu era fã. Sou muito grato à relação da música com a gastronomia.

FOGAÇA

NOME:

Henrique Aranha Fogaça

DATA DE NASCIMENTO:

1º de abril de 1974

IDADE:

45 anos

CIDADE:

Nascido em Piracicaba/SP, mudou-se aos 8 anos para Ribeirão Preto/SP

PROFISSÃO:

chef de cozinha, empresário, cantor brasileiro, jurado do programa MasterChef, da TV Band

LIVROS:

2017- Um chef hardcore

PRÊMIOS:

2008 – Prêmio Revista “Veja SP”.

Categoria: Chef revelação

2009- Prêmio Revista “Prazeres da Mesa”.

Categoria: Chef revelação

2009- Prêmio Revista “Paladar-O Estado de São Paulo”

Categoria: Prêmio Paladar de Melhor Carne de Porco

2015 - Prêmio “Men of the Year” da Revista GQ

Categoria: Gastronomia



Filme precisou conquistar prêmios no exterior para chamar atenção de cinemas brasileiros

Thamires Ferreira

A pós pouco mais de quatro anos do início de sua produção, o filme de terror ribeirão-pretano *Mal Nosso* finalmente conseguiu ser finalizado.

O longa-metragem foi exibido em março deste ano para o público de Ribeirão Preto e São Paulo

através da rede de cinemas Cinépolis.

Porém, até chegar à etapa final e às salas, todos os envolvidos no projeto tiveram que dar tudo de si para que o sonho de produzir um filme fosse concretizado.

O produtor do filme Tato Siansi afirma que as etapas de produção foram grandes provas de empenho, já que eles dispunham de pouco orçamento e praticamente nenhum apoio.

“Nós tínhamos o roteiro, as ideias e a vontade de

TERROR FEITO EM RIBEIRÃO CHEGA ÀS TELAS

Com dificuldades de produção, *Mal Nosso* estreia nos cinemas depois de sucesso no exterior

fazer algo jamais feito na região, mas a falta de apoio deixa qualquer produtora de mãos atadas”, comenta.

Segundo Siansi, existe um fundo setorial audiovisual (FSA) direcionado para indústria cinematográfica nacional.

“A contribuição para o desenvolvimento da indústria cinematográfica nacional (Condecine) é um tributo pago pelas produtoras audiovisuais para que o material produzido possa ser exibido. Ou seja, ele incide sobre a exploração comercial em cada seguimento de mercado, como salas de exibição, televisão, etc...”

Se comparado a grandes produções internacionais do gênero que chegam a custar milhões de dólares, o longa metragem teve um orçamento

dos mais modestos. Seu custo de produção não chegou nem à casa dos R\$ 400 mil.

Mesmo sendo um filme relativamente barato, fazer a pós-produção e divulgação da obra foi uma verdadeira odisseia.

“Depois de tudo que nós passamos, foi angustiante ter que brigar todos os dias para conseguir a aceitação nacional”, justifica.

TRAJETÓRIA

Mal Nosso foi exibido primeiro fora do Brasil: conquistou críticas positivas no exterior e ganhou prêmios em festivais internacionais, como, por exemplo, o título de melhor filme de terror de toda a América Latina em 2017.

Ainda segundo Siani, o preconceito do público brasileiro em relação ao

cinema nacional acontece justamente devido à falta de investimento em cultura. “É muito triste ver que filmes nacionais, não tem o seu devido valor reconhecido.”

Toda essa dificuldade em produzir uma obra cinematográfica ou até mesmo qualquer outro projeto atrelado à cultura está diretamente ligada às políticas públicas que, em um país com tantos problemas sociais, tornam comum o pouco interesse pelos produtos culturais.

De acordo com Siansi, é importante que o público e os governantes entendam que a indústria audiovisual é rentável, gera empregos e só precisa de investimento e apoio para se tornar uma grande potência dentro e fora do país.

SARAU AJUDA A CRIAR NOVOS AUTORES

Grupo existe há 13 anos e se encontra uma vez por mês para incentivar leitura e criação

Vinícius Bis

Toda primeira quarta-feira do mês, cerca de 30 pessoas se reúnem na Fundação do Livro e Leitura para apresentar seus textos e fazer leituras públicas de outras obras. Eles participam do Sarau dos Médicos Escritores, que, apesar do nome, não reúne apenas profissionais da medicina.

O projeto foi criado em 2006 pelo médico Nel-

son Jacintho, autor de 15 livros. Até hoje, cabe a ele o papel de nortear os encontros.

“Agora em junho, vamos fazer 13 anos. Essa é uma data que faz parte do calendário turístico da cidade”, ressalta.

O grupo teve origem quando Jacintho começou a convidar amigos e explicar o assunto até marcar a primeira reunião em uma pizzaria, onde eles levavam o que mais gostavam de escrever (contos, crônicas, sonetos, poemas). Com o passar do tempo, a atual Fundação do Livro e Lei-



Encontros gratuitos acontecem no Centro

tura, da qual Jacintho já foi vice-presidente, aceitou receber os escritores/leitores.

“Essas reuniões são muito produtivas. Ultimamente, estão indo músicos, cantores, artistas”, conta o médico.

Jacintho se orgulha de colegas que antes não escreviam, mas que falavam muito bem e que hoje, graças ao grupo, já possuem dois livros publicados. Além disso, muitos integrantes fazem palestras em escolas para

incentivar a leitura e também distribuem livros, uma ação ativa do propósito maior que é melhorar o nível de leitura da cidade.

“Faz 10 anos que participo do grupo”, diz Alberto Gonçalves, que lançou o livro “Sobrenatural: muito além da realidade”, no final de abril. “Para fazer meu último livro, foram 24 crônicas. Boa parte delas foram textos que fui desenvolvendo para apresentar no grupo e que depois aperfeiçoei

com base nas reuniões.”

Para Gonçalves, o fato de se encontrar com pessoas de mais variadas visões de mundo enriquece os candidatos a autores e engrandece ainda mais as reuniões.

Os encontros acontecem na sede da Fundação do Livro e Leitura (rua Mariano Junqueira, 81). Eles são gratuitos, e qualquer pessoa pode participar. As reuniões ocorrem na primeira quarta-feira de cada mês, das 20 às 22 horas.



Fazenda Boa Vista, Matão

Celso Piutti

■
José Piutti

A CASA DOS ROLLING STONES EM MATÃO

Banda encontrou esconderijo dos holofotes, bebeu cerveja em lata e chupou sorvete no interior paulista

Rolling Stones vêm a Matão: seria essa a manchete estampada nos jornais, se o fato não houvesse acontecido há exatos 50 anos. Mick Jagger, Keith Richards e suas namoradas passaram 17 dias na cidade, onde soltaram fogos, visitaram terreiros de umbanda e fizeram festas com artigo considerado de luxo para a época: cervejas em latas.

“Essa é a lenda de Matão. A gente cresce ouvindo nossos pais comentarem que seus avós disseram que viram os Stones andando pela cidade”, conta o estudante de Relações Internacionais Marcos de Souza, de 19 anos, que nasceu e cresceu por lá. “É muito aleatório pensar que um dia eles estiveram lá.”

No entanto, de aleatório a vinda dos cantores nada tem. A viagem está relacionada com a troca de parceiros de Anita Pellenberg, então namorada de Richards. Em 1965, a Stone Feminina, como era chamada, havia se envolvido com o guitarrista e fundador da banda, Brian Jones. Porém, durante uma viagem realizada pelo grupo a Marrocos, Brian adoeceu e ficou pelo caminho. Eles seguiram viagem sem o guitarrista enquanto Ri-

chards teria se aproximado da atriz.

Após a gravação de um concerto, Richards teria convencido Jagger a viajar ao Brasil para ele e Anita esconderem o relacionamento de Jones.

Foi o banqueiro Walther Moreira Salles, então dono do Unibanco, quem ofereceu sua fazenda no interior para a dupla se esconder dos holofotes.

Os linguarudos, como são conhecidos, chegaram ao país no final de 1968. Desembarcaram no Rio de Janeiro e passaram a virada do ano em Copacabana. Irritados com a movimentação da imprensa, partiram rapidamente para local indicado por Moreira Salles, a Fazenda Boa Vista, a cerca de 100 km de Ribeirão Preto.

A estadia dos roqueiros, porém, não passou despercebida, como era esperado, por conta das roupas agarradas ao corpo, extremamente coloridas e dos cabelos longos. Eles foram apelidados de aliens enquanto ficaram por ali.

A CAÇA

“Já havia um cochicho de que eles teriam passado por Araraquara (SP), tomado sorvete em uma sorveteria localizada na avenida São Paulo... Eles eram tarados por sorvete brasileiro, não sei por que”, relembra o professor aposentado Ricardo Fonseca Simões. Na época, em paralelo com suas aulas, ele tinha uma gravadora de vídeos e, por isso, foi chamado pelo fotógrafo Carminho Tucci para caçar os roqueiros.

“Recebi um telefonema do Tucci, em 1969, dizendo que eles realmente estavam em Matão. Daí, peguei meu fusquinha vermelho, passei a mão na minha câmera e partimos.”

Sem pensar duas vezes, os dois foram até o local, onde avistaram um aglomerado de pessoas e souberam que haviam chegado no lugar certo.

“Junto deles estavam duas mulheres. Uma delas estava nua, enrolada em um lençol branco todo sujo,

bem hiponga. Eles se abraçavam, soltavam fogos, chupavam sorvete... ninguém ali conseguia falar com eles, mas ficavam observando a festa”, diz.

Sua empolgação, porém, diminuiu ao ser questionado sobre as filmagens.

“Eu deixava os rolos junto com minhas medalhas de quando praticava natação... E uma empregada viu, pensou que era ouro e avisou alguns bandidos. Eles levaram tudo embora. A maior tristeza da minha vida foi isso, cara.”

REFÚGIO

A reportagem d’O Jornal do Ônibus visitou a chácara Boa Vista, onde os roqueiros se hospedaram. Ao chegarmos, fomos recebidos pelo casal Antônio e Ilda Magalhães, caseiros do local.

“Muita gente aqui de Matão não conhece essa história, ou não acredita. Mas é verdade, eles estiveram aqui”, responderam sobre a fama do local que, durante os 11 anos de caseiros, recebeu

diversos fãs e equipes de reportagem.

“Conhecíamos os Rolling Stones de saber que eles eram famosos, mas não sabíamos que eles tinham passado por aqui. Conhecemos as histórias com as equipes de reportagem que pediam pra fazer matéria, com os ex-funcionários e com algumas pessoas que ainda passam aqui e pedem pra conhecer.”

“Uma vez um homem veio de São José do Rio Preto com a namorada e disse que tinha tocado com eles nos EUA. Deixei ele entrar, mas sem tirar fotos. Juro por Deus que nunca vi um cara tão fanático. Depois ele ajoelhou e falou: muito obrigado”.

Durante o passeio pela chácara, cada canto guardava uma história. “Eles nadaram nessa piscina aqui. Acendiam velas ao redor das bordas e passavam as noites nadando pelados”, contou o casal, em meio a risadas.

A sala de jogos, no porão do casarão, guarda mais objetos da época: uma mesa de sinuca e um grande pôster de Jagger. No local, Antônio relembrou uma situação. “Dizem que uma mulher ficava escondida próxima à porteira para pegar as bitucas dos cigarros fumados por eles e depois vendia para curiosos. Eu não compraria, você compraria?”, completa.

Acesse www.jornalismounaerp.com.br e confira a cobertura do Jornal do Ônibus na Feira do Livro